



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

A EMOCIONALIDADE SUBJETIVA DE UMA HOMOSEXUAL
UM ESTUDO DE CASO

ELAINE PERDIGÃO DE OLIVEIRA

BRASÍLIA
NOVEMBRO/2005

ELAINE PERDIGÃO DE OLIVEIRA

A EMOCIONALIDADE SUBJETIVA DE UMA HOMOSEXUAL

UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Psicologia do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, sob a orientação do Professor Doutor Fernando Luis González Rey.

Brasília/DF, Novembro de 2005

Dedico esta monografia aos meus queridos filhos, Viti e Jota, razões de minha existência, desculpando-me pelas minhas ausências e faltas. A vocês, meu muito obrigada por fazerem parte de minha vida e a minha gratidão por existirem.

Agradeço, em especial, à querida afilhada pela paciência e carinho.

Ao meu pai (in memoriam) que me cobriu de carinho e compreensão, e à minha mãe que me incentivou nesta jornada.

Às minhas irmãs, por reavivar em mim a busca do conhecimento, sempre com alegria e satisfação.

Aos familiares e amigos, em geral, por compreenderem minha ausência.

Às minhas amigas de faculdade: Carolina, Elisa, Fernanda e Neusa que se fizeram presentes em minha vida acadêmica e particular.

A todas as colegas de curso que se fizeram amigas.

A todos os professores que me ensinaram o que sei hoje. Em especial, à Lacy Silva, Maria do Carmo, Virgínia Turra, Miriam May, Bizerril, Lídyá Lopes, Íris Baquero, Leida Maria, Fred, Tânia Inessa, Cláudia Feres e Sandra Bacara.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Fernando Rey, que com seu vasto conhecimento, me proporcionou de “enseñanzas”, para concluir meu curso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	i
CAPÍTULO I	07
CAPÍTULO II	26
CAPÍTULO III	32
CONCLUSÃO	48
BIBLIOGRAFIA	50

RESUMO

Nas últimas décadas o homossexual tem se tornado cada vez mais invisível, diante de uma sociedade impregnada por conceitos heterossexistas por assumir uma identidade homossexual. Frente às observações e à consulta da literatura, deparamos com uma inquietação: Como a emocionalidade se manifesta no relacionamento social de uma homossexual no desenvolvimento de sua sexualidade. O estudo foi conduzido sob o referencial da Metodologia Qualitativa, contando com a participação de uma mulher já assumida, no período de agosto a outubro de 2005. Após realizar a análise das entrevistas e completamento de frases foram construídas informações, que atuam na emocionalidade de uma auto-imagem, algo que lhes desperta uma diversidade de sentimentos. Da análise dos depoimentos, foi possível compreender que o estudo evidencia a necessidade de se desconstruir padrões culturais tão arraigados como a homofobia social.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como enfoque principal a emocionalidade na vida de uma homossexual ocorrida na trajetória de sua vida, desde a infância até o momento da pesquisa. Segue uma linha teórico-metodológica de Pesquisa Qualitativa em Psicologia, do Professor Doutor Fernando González Rey, que enfatiza os processos de construção da informação.

O objeto é um Estudo de Caso, permeado pelas várias inquietações da pesquisadora, que busca por respostas afetivas com características singulares, porque poucos tiveram a preocupação para com o indivíduo, este ser único, que sofre e, cuja emocionalidade está à flor da pele. Mesmo porque ainda não tivera acesso a nenhuma literatura que se preocupasse com a afetividade do homossexual, que quisesse perguntar-lhe: como se sente com tantas modificações que estão permeando sua mente e seu corpo? Como se sente ao ser criado dentro de padrões heterossexistas, com modelos estigmatizados pela cultura e sociedade muito fortes e delineados? Este ser que sempre ouviu dizer que o certo é ser atraído pelo sexo oposto, que isto é que normal, e que as pessoas que sentem diferentemente certas atrações são anormais, pois seguem um modelo heterossexista. E, eis que surge ele com tantas diferenças, tantos enigmas, tantas dúvidas, inquietações, distorções (que a sociedade já se lhe impusera) e, é onde se torna um ser totalmente sozinho, perdido, solto em seus devaneios, que às vezes até prefere se esconder em guetos, mesmo que inconscientemente.

Alguém por acaso, lhe perguntou como isso se desenvolvia dentro dele? Alguém se preocupou com ele? Como estava sua vida? Como se via diante de sua própria existência? Como resolver tantas aflições? Alguém tentou lhe dar voz? Nos debates, nos confrontamentos, nas discussões, os profissionais da saúde estavam todos preocupados em discutir algo que não importa para eles: É doença? É invertido? É pecado? Sofre preconceitos ou discriminações? Por que não fazem as mesmas perguntas aos heterossexuais? Para o homossexual não há significância deste tipo de valores e julgamentos. O que ele quer é que aceitem-no como ele é! Um ser completo e cheio de certezas e inseguranças, repleto de emocionalidade ao mesmo tempo de invisibilidade, diante de uma sociedade carregada pelo

preconceito e aversão pela vida homossexual.

Este estudo embasou-se na hipótese de: Como a emocionalidade se manifesta no relacionamento social de uma homossexual no desenvolvimento de sua sexualidade. E diante de fatores tão significantes, cabe ressaltar os objetivos de nosso estudo de caso, como:

- Descrever os sentimentos e afetividades que atuam na emocionalidade de uma auto-imagem, diante da descoberta de ser diferente ao assumir sua sexualidade.
- Compreender as dinâmicas familiares em confronto com os conceitos heterossexistas e preconceitos inculcados pela cultura, enfrentados pela homossexual.
- Estudar a evolução da emocionalidade no ciclo de vida de uma homossexual.

No entanto, para atingir os objetivos traçados, trabalhou-se com dados coletados em seis entrevistas e uma de completamento de frases considerados relevantes para esse estudo de caso.

O trabalho apresenta-se em três capítulos, sendo que o primeiro descreve a homossexualidade desde à época dos gregos até os dias atuais (Visão Histórica) e uma exposição de mudanças (novas tendências). O segundo capítulo aborda a metodologia aplicada. E o terceiro, diz respeito às discussões de resultados de nosso trabalho, seguido da conclusão sobre a investigação realizada.

O estudo dessa monografia, em sua estrutura física, baseia-se na coleta de dados de gravações da fala de uma homossexual brasileira, e completamento de frases, de 27 anos, graduada em Educação Física, do sexo feminino. Após a transcrição das entrevistas, foram destacados trechos onde se faziam necessários os fenômenos para a análise e estudo que desenvolveu-se à luz da Pesquisa Qualitativa.

CAPITULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de entrar propriamente no tema gostaríamos de fazer uma breve retrospectiva histórica sobre a homossexualidade, tendo como marco inicial o período egípcio e grego clássico. A história da humanidade começa por volta de cinco mil anos antes de Cristo. Em 4.500 anos a.C. há o primeiro registro de uma relação homossexual que seria entre o deus Oros e Seti na tradição egípcia. De forma que a homossexualidade existe em todas as sociedades, assim como também, na sociedade grega, onde grandes filósofos como Platão, Sócrates, Aristóteles, Alexandre Magno, foram homossexuais. Foi nesta sociedade que surgiu a primeira e mais famosa lésbica da história que é Safo (nasceu na ilha de Lesbos, daí o nome lesbianismo), considerada a "Décima Musa" por Platão (Torrão Filho, 2000, p.38). Neste contexto, Foucault (2005, p. 174) faz alusão do “amor grego dos filósofos pelos rapazes à prática da educação e ao ensino filosófico”. Ainda afirma ser esse gênero de relações admitido e aceito pela sociedade ateniense.

Em seu livro: *Tríades Galantes, Fanchonos Militantes*, Torrão Filho (2000) lista um número enorme de celebridades homossexuais, onde destacaremos apenas alguns. Na Roma antiga, personalidades como Nero e Calígula, tão conhecidos pelas suas façanhas estranhas, são exemplos da homossexualidade, assim como Júlio César. Um dos mais famosos e populares reis da Inglaterra, Ricardo Coração de Leão (1157-1199) durante seu reinado viajou praticamente o tempo todo com um amigo inseparável: Felipe Augusto II (1165-1223), rei da França, filho de Luís VII. Felipe declarava amá-lo como a sua própria alma. Cita os Luíses, "reis conhecidos por sua efeminação e modos e trajes femininos, como as perucas e os saltos altos Luís XV...". Se a antiguidade fora marcada pela tolerância e ritualização das relações entre pessoas do mesmo sexo, podemos dizer que a Idade Média, guiada pelo cristianismo, foi um período de ignorância, da obscuridade da civilização e do direito. Os homossexuais foram cruelmente perseguidos no período marcado pela soberania da fé cristã. A norma para quem saía da regra heterossexual eram fogueiras, prisões e castigos duríssimos. As temíveis sombras da Inquisição rondavam cada alcova. A Europa, do século IV até o Renascimento, assistiu

implacável perseguição não apenas aos homossexuais, assim, como a todos sodomitas em geral.

Na Itália, à época do Renascimento, que passava a roubar a atenção nas artes e ciências, o caráter latente da expressão homossexual começava a tomar lugar mais claro. Personalidades reconhecidas em seu tempo passaram a reverter o quadro de intolerância, aderindo aos seus impulsos homossexuais: Leonardo da Vinci (1476); Michelangelo (1564); e o pintor Giovanantonio Bazzi (1477-1549), por exemplo. Na Inglaterra da mesma época, Shakespeare defendia, para alguns, a homossexualidade em verso.

Foi na Idade Contemporânea que surgiram novas teorias sobre a homossexualidade. Para muitos especialistas, era um problema congênito, onde médicos tinham medo de "contaminar-se" por causa do contato com os "invertidos". Nesta época, surge um grande nome da literatura, Oscar Wilde (1845-1900), que pecou pela extravagância, tanto na maneira de se comportar como na de se vestir. Conheceu Frank Miles e tornaram-se amantes. Foi Frank que o apresentou ao mundo do teatro. É foi neste tempo, segundo Foucault (2005, p. 121) que a psicanálise veio inserir-se com a teoria de repressão, "que pouco a pouco vai recobrir todo o dispositivo de sexualidade, dando-lhe o sentido de uma interdição generalizada".

A virada do século XX assistiu a uma enxurrada de especulações científicas a respeito das origens da homossexualidade, não obstante proibições legais em alguns países, a realidade apontava bons horizontes para um movimento homossexual embrionário, que ainda viria provocar muito ruído. Na Europa já eram vistas revistas especializadas ao público homossexual e locais públicos eram abertamente freqüentados pelos mais vanguardistas. A Revolução Russa, em outubro de 1917, um dos grandes acontecimentos deste século, trouxe à tona um significativo número de lésbicas famosas e assumidas. Nomes como o da escritora Virginia Woolf, Vita Sackville West, Jane Addams, que ganhou o prêmio Nobel da Paz em 1931, apareciam ligados ao lesbianismo. Jane, por exemplo, manteve um relacionamento de 40 anos com Mary Rozet Smith.

Em 1941 Hitler ressuscitaria a pena de morte para homossexuais (Identificados pelos famosos triângulos cor-de-rosa) (Torrão Filho, 2000, p.201), que considerava contaminados pela peste da homossexualidade, risco potencial aos

jovens de sexualidade saudável, cujos futuros filhos seriam essenciais aos planos de guerra do Führer. Os campos de concentração começavam sua tarefa de arrecadar - e posteriormente exterminar - as perigosas ameaças sociais, juntamente com judeus, ciganos, antifascistas e demais criminosos ordinários. Da França invadida eram enviados homossexuais para os campos de concentração alemães, sob o amparo legal do governo de Vichy e reiterado pelo do De Gaulle.

Em 1948 o estudo revelador de Alfred Kinsey (ainda hoje criticado) (idem p.204), publicado sob o Comportamento Sexual no Masculino Humano, permaneceu meses na lista de best-seller, defendendo a tese de que o sexo homossexual permaneceria de grande interesse para muitos americanos, talvez porque eles, privadamente, gostassem dele, mas publicamente tivessem que odiá-lo. Outros estudos surgiram e, em 1956, a tese (talvez de maior importância) do psicólogo Evelyn Hooker, "Inversão: As raízes múltiplas da homossexualidade", segundo a qual não há conexão entre homossexualidade e psicopatologia.

A revolução sexual dos anos 60 trouxe consigo uma reedição mais democrática do Renascimento experimentado 400 anos antes. Muitos homossexuais saíram em busca de modelos de comportamento, que se tratava de nova modalidade de vida social emergente. Sem tradições hierárquicas e culturas desejáveis, este novo nicho social em cidades como São Francisco e Nova Iorque e, resguardada em escala brasileira, Rio de Janeiro e São Paulo, que na condição de grandes metrópoles, foram vistas como acolhedoras de jovens do interior cuja coragem permitia-lhes partir em busca de seus desejos naturais, desde que sem a necessidade, ao menos imediata, de montar fontes de batalha em casa. Tais homossexuais logo passaram a vincular sua distância social baseando-se nos novos modelos, isto é, expressando-se por meio de extrema libertinagem sexual.

Nos anos 70, um culto ao sexo cresceu nos centros urbanos que não concorreu com outro da história da humanidade em termos de sofisticação e acessibilidade. Aquele período de emancipação física e espiritual teve vida curta. Nos anos 80, a contínua ascensão inverteu-se devido ao surgimento da Aids. As primeiras vítimas homossexuais não tardaram a aparecer, multiplicando-se em alta velocidade devido ao hábito de alta rotatividade de parceiros e à falta de costume do uso de preservativos, até então pouco difundidos. Nos anos 90, uma nova avaliação parece estar emergindo do sobe e desce da gangorra do sexo homossexual. Foi na

virada do século XXI que a humanidade fora presenteada com movimentos de apoio e prevenção ao HIV nunca antes tão ágeis e prontamente vistos e, foi também, neste início de milênio, que a forma de vida do homossexual ganhou visibilidade.

Os relatos a respeito de relações homossexuais em território brasileiro datam da época do pré-descobrimento dos habitantes, anteriores aos invasores portugueses. Várias foram as citações a respeito da sexualidade indígena, entre elas a constatação do diminuto tamanho peniano e da intensa atividade sexual das índias (dos doze aos setenta anos). Referente a esta consideração consta que ao tomar posse da Baía de Guanabara em 1555, o comandante francês Villegagnon instalou seus soldados numa ilha, para evitar contato com as índias, que ele chamava de cadelas selvagens, por causa de seu apetite sexual; se transgredissem tal ordem, os soldados podiam sofrer açoites e até pena de morte.

O preconceito, contudo, é denunciado em alguns relatos dizendo que os índios xingavam-se entre si com o palavrão *tivira*, que na língua tupi significa homem do traseiro roto, sinônimo do atual veado. Dentre os hábitos indígenas do Brasil-colônia, percebe-se também a relação homossexual travestida por atividades tribais limitadas aos indivíduos masculinos, pelo testemunho do alemão Karl von den Steinen apud Torrão Filho (2000, p. 222), segundo o qual dentro do baito (casa-dos-homens, onde só se permitia a entrada de varões, após severas provas de iniciação), os mancebos da tribo Bororó se relacionavam sexualmente entre si, com toda naturalidade, (...) “encontrou alguns pares enamorados que se divertiam debaixo de um comum cobertor vermelho”. Ainda neste período, eram comuns as relações sexuais entre os meninos índios e homens mais velhos como forma de iniciação à vida adulta. Sem dúvida a perplexidade européia frente aos costumes locais foi de grande intensidade.

O mito das guerreiras amazonas, segundo estudiosos, deve ter surgido pelo fato de que entre mulheres indígenas, algumas adotavam atividades masculinas indo à guerra e à caça com os índios, além de se casarem com outras mulheres. A elas era dado o nome de *coaimbeguira*, que pode ser traduzido como “machão, mulher que não conhece homem e tem mulheres, falando e planejando como homem” (idem, p. 223).

Ainda no passado, conta-se que a mais famosa representante do lesbianismo,

no século XVI, foi Felipa de Souza, costureira e mulher de pedreiro, que morava perto de Salvador e teve várias amantes como Maria de Lourenço, Maria Pinheiro, Paula Antunes e Paula de Sequeira. Tudo isso confessado por Paula de Sequeira a um inquisidor. Porém, o não tão famoso, mas que causou mais rumores foi o casamento de Isabel Antônia e Francisca Luís. A primeira fora degredada de Portugal, por sodomia, a segunda viera antes e abrigou Isabel por algum tempo, logo foram expulsas da Bahia, no entanto, a pena nunca foi cumprida (ibidem, p.229).

Registros ainda relatam a prática indiscriminada e difusa de relações homossexuais, em que muitos colonos tomavam índios como mulheres, conforme costume da terra. Grande parte do contingente colonizador era composta por ladrões, assassinos, judeus foragidos e gente considerada devassa por cometer sodomia, bestialidade, proxenetismo (promover a prostituição) e molície. A permissividade brasileira logo tomou forma através de intensa prostituição na Bahia e no Rio de Janeiro, considerada incontrolável.

Por outro lado, as relações na sociedade escravocrata brasileira reservaram particularidades quanto à sexualidade dos senhores e escravos. Além do comum uso de escravas para as realizações sexuais dos seus senhores, também escravos eram submetidos a tais prestações sexuais. Era usual meninos brancos terem como companheiro (amigo) de infância um negrinho, comumente chamado de leva-pancadas, que por vezes iniciavam a vida sexual dos primeiros. As mulheres não estavam ausentes das relações homossexuais entre senhores e escravos, sendo a mais citada, Maria de Lucena, que além de viver com sua parenta Clara, seduzia as escravas índias da casa.

Foi devido à Inquisição e às pesquisas do Professor Luiz Mott apud Torrão Filho (2000, p. 228) que tivemos acesso às estas informações do Brasil Colonial. Conforme o professor, os pecadores eram denunciados tanto pela igreja quanto pela população, consistindo obrigação do povo denunciar o que soubessem ter ocorrido, fator que criava clima de vigilância e insegurança. A sodomia figurava entre os delitos, embora fosse a sodomia heterossexual também considerada pecado e condenada.

O Direito brasileiro refere-se à sodomia, tanto homossexual quanto heterossexual, pela primeira vez nas Ordenações Afonsinas (promulgadas no

reinado de Afonso V – 1446). Sua fonte era o Direito Romano e o Direito Canônico, além do Livro das Leis e Posturas, que codificavam as leis medievais dos territórios que passariam a constituir Portugal. No livro de tais Ordenações aparece a pena de fogo contra a sodomia - pecado de todos o mais torpe, sujo e desonesto.

Seguiram as Ordenações Manuelinas (1521, sob reinado de D. Manuel), e depois sucedidas pelas Ordenações Filipinas (1603, solicitadas por Filipe I, mas publicadas no reinado seguinte), tendo ambas se baseado nas Ordenações Afonsinas. As Ordenações Manuelinas foram o mais antigo Código Penal brasileiro, vigentes quando do descobrimento. Nelas o crime de sodomia era apenado, além do fogo, com o confisco dos bens e infâmia dos filhos e descendentes, sendo crime de lesa-majestade.

Ainda que a Constituição do Império (1824) atualizasse em linhas gerais as Ordenações Filipinas, o Código Criminal, sancionado em 1830, trouxe o que de mais moderno havia em tal matéria. A sodomia desapareceu da legislação pátria, ao contrário de países como os EUA, Alemanha e Áustria, que só posteriormente reformariam seus textos legais. Seguindo o rastro da Revolução Francesa, vanguarda jurídica influenciada pelos códigos: Napoleônico (1810) e Napolitano (1819), que contaminou o Código Espanhol e os Códigos de muitos países latino-americanos.

A partir de então, as relações homossexuais no Brasil, passaram a ser enquadradas nos novos tipos penais, por ofensa à moral e aos bons costumes, quando praticados em público, o que de certa forma conduz a condição homossexual rumo à tolerabilidade legal (1830). O Código Penal republicano (1890) aponta a homossexualidade como crime, pois esse atenta contra a segurança da honra e honestidade das famílias ou ultraje ao pudor, eventualmente aplicada aos homossexuais, incluindo o tipo penal que condenava quem se travestisse com trajes impróprios de seu sexo e os trouxesse publicamente para enganar. Reformado em 1932 sem maiores relevâncias ao tema, foi sucedido pelo Código Penal de 1940, vigente até hoje, no qual mantém-se o crime por ultraje ao pudor, quando o ato obsceno for praticado publicamente ou o objeto obsceno for exposto publicamente.

Como podemos constatar, o tema homossexualidade, sempre fora pontuado e tratado sob diversas óticas: em determinada época como direito canônico, pastoral cristã e lei civil; em outra como uma patologia orgânica, funcional ou mental; e, em

outra como psiquiatrização do prazer ou interdição. Formas estas que descrevem os preconceitos, as discriminações, o pecado, a doença, a opção, a opressão, a aversão, a orientação, etc, porém o que aqui cabe discorrer é o papel importante do grau de sensibilidade em relação ao mundo das emoções e identidade no relacionamento homossexual.

O termo homossexualidade foi criado, em 1869, pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert (Torrão Filho, 2000, p.165), reunindo duas raízes lingüísticas: homo (do grego, significando "igual") e sexual (do latim). Seu objetivo inicial era combater a legislação alemã, que punia com prisão todos aqueles que realizavam práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo. A APA (Associação Americana de Psiquiatria) retirou a homossexualidade do seu "Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais" (DSM) em 1973, depois de rever estudos e provas que revelavam que a homossexualidade não se enquadra nos critérios utilizados na categorização de doenças mentais. A homossexualidade é, portanto, uma forma de orientação sexual. Em 1985, o Conselho Federal de Medicina (CFM) do Brasil passa a desconsiderar o artigo da classificação Internacional de Doenças, que considerava a homossexualidade uma doença. Em 1991, a Organização Mundial da Saúde passa a desconsiderar a homossexualidade como doença.

Mas foi no início dos anos 60, na Europa e nos Estados Unidos, que a palavra *gay* foi difundida com o sentido que carrega hoje. O termo *gay* era considerado menos pejorativo que homossexual. Pois, segundo Foucault, o conceito *gay* está imbuído "de uma consciência na qual o afeto, o amor, o desejo, as relações sexuais são valorizadas". Versando sobre esse mesmo assunto, Richard A. Isay (1998, p. 13), expressa que a homossexualidade não deveria ser definida a partir do comportamento e sim da atração erótica predominante.

No Brasil, uma das primeiras aparições do termo homossexual está na defesa que o escritor cearense Adolfo Caminha fez do seu romance naturalista "O Bom-Crioulo" (1896). Antes disso, o termo mais usado para designar o amor homossexual era "uranismo", cunhado em 1862 pelo jurista alemão Karl Heinrich Ulrichs (Torrão Filho, 2000, p. 165), a partir de uma idéia de Platão em "O Banquete".

O termo "homossexualismo" não é mais usado porque é da época em que gays e lésbicas eram considerados como pessoas doentes, posto que o sufixo "ismo" é usado para terminologia de palavras associadas a doenças. É por

essa razão que hoje não se usa mais a palavra homossexualismo. O correto é usar homossexualidade ou homo-afetividade, esta última para não dar a conotação meramente sexual.

Os homossexuais, independentemente da maneira que encontram para a expressão de sua homossexualidade - pederastia, sodomia, androginia bissexualismo, e outras maneiras - são, conforme diversos estudos demonstraram, diferentes dos heterossexuais apenas na preferência afetiva. Sua identidade psicológica e seu papel na sociedade são coerentes com seu sexo biológico. Assim, salvo exceções, o homossexual masculino é geneticamente um homem, sua identidade psíquica é masculina e seu papel na sociedade é masculino. Sua preferência afetiva, no entanto, direciona-se a outros homens. Com relação à homossexualidade feminina alguns autores fazem uma tripartição didática, utilizando os vocábulos safismo, lesbianismo ou tribadismo. Do mesmo modo, a lésbica é uma fêmea, biologicamente falando, com identidade de mulher e papel social feminino, mas sente atração predominantemente por outras mulheres.

Codato (2003), em sua Dissertação de Mestrado sobre: "A representação dos gays nos filmes e seriados", propõe a mudança do termo homossexualidade, pelo uso do termo homo-afetividade, o qual sugere que os homossexuais também desejam laços afetivos e não apenas que sua identidade seja atrelada à prática sexual. O estudo foi desenvolvido com membros da ONG Estruturação de Brasília, que reúne homossexuais para promover e defender a qualidade de vida de gays, lésbicas e travestis por meio do fortalecimento da auto-estima e do incentivo ao exercício da cidadania.

A afetividade, em todos os aspectos, é parte importante de nossa vida psíquica e, para estudar o ser humano temos que considerar o valor dos afetos. Ao falar em afetividade consideramos que as emoções (o termo é derivado do latim "emovere" que significa "colocar-se em movimento") são expressões da vida afetiva e que são acompanhadas de reações breves e intensas do organismo em resposta de um acontecimento inesperado. De maneira geral, as emoções podem ser caracterizadas como movimentos em direção a (ou para longe de) um outro, seja esse outro real ou implícito. Ou seja, a emoção implica em uma relação, seja com outra pessoa, com algo (um evento ou objeto) ou com o próprio mundo interno, elementos com os quais queremos interagir ou dos quais queremos nos afastar.

A emoção aparece acompanhada de fortes batimentos cardíacos e, por muito tempo, este fato fez com que as pessoas acreditassem que o coração fosse o lugar das emoções. Tremores, risos, choro, lágrimas, expressões faciais, jeito de falar e outras reações orgânicas também acompanham as emoções. Dependendo de como nossos estados emocionais são definidos - se eles se limitam a uma gama pequena de emoções ou se são mais complexos e abrangentes - nosso movimento em direção às coisas, pessoas ou atitudes que buscamos exercer pode ser mais ou menos adequado e eficiente.

Alguns autores afirmam que em termos emocionais, freqüentemente somos indigentes, devido ao fato de que sentimos necessidade por outras pessoas, alguém a quem possamos pertencer, por quem sejamos reconhecidos, e estarmos junto a quem possamos ser o que realmente somos. Nossos projetos e ações estão sempre em busca por dar continuidade aos relacionamentos que possuem um significado especial para nós. Além disso, podemos tentar compreender o ser humano como estando sempre em uma constante busca por colocar-se de forma adequada dentro do mundo, tentando sempre atingir novas metas que lhe tragam mais alegria, liberdade, conforto e segurança. O mundo interno é constantemente vasculhado no sentido da busca por atingir novos estados e experiências que demonstrem que está havendo um crescimento e evolução, constantes.

As manifestações de afetividade estão presentes em tudo e são totalmente subjetivas entre os seres humanos e as culturas porque cada cultura tem expressões diferentes para as emoções, além de acontecer uma estimulação para certos tipos de expressão emocional, como há também, a repressão de outras. Estas reações são aprendidas através do que a cultura seleciona. Uma mesma reação pode expressar emoções diferentes e assim, por exemplo, podemos chorar de tristeza ou de alegria.

Rey (2004, p. 84) diz:..."as emoções representam um momento da qualidade dos relacionamentos entre o indivíduo e seu meio, e estão comprometidas, simultaneamente, com os processos de auto-organização da subjetividade." Isto quer dizer que de acordo com as emoções que temos, diante de cada situação, podemos organizar, interpretar e avaliar melhor o que nos acontece. Elas têm uma função adaptativa e também estão ligadas a uma possibilidade de linguagem, na medida em que podemos dizer ao outro o que sentimos através delas. As emoções

podem ser de raiva, nojo, medo, vergonha, desprezo, tristeza, alegria, empolgação, amor, paixão, atração e outras. Podem ser fortes, fracas, passageiras, duradouras e podem mudar com o tempo, fazendo com que uma coisa que nunca nos emocionou passe a nos emocionar. Pode-se ou não saber definir que tipos de emoção as pessoas estão sentindo em determinadas situações porque a emoção é subjetiva, cada um sente ou percebe de forma única e dá sentido diferentemente em relação a outras pessoas. Dentro dessa perspectiva Rey (idem, p.85) assinala que “as emoções são um fenômeno altamente diferenciado que se define no percurso singular da ação do sujeito”.

Diante desse enfoque mais humanista podemos distanciar nossos olhares do reducionismo mecanicista que tanto marcou os tempos, não tão longínquos e que ainda hoje tem sua representação forte, buscando uma única causa a justificar doenças, anormalidades e diferenças nos sujeitos. Entendemos que a taxonomia usada pela psicologia, há tempos, tem fragmentado e limitado a visão do sujeito total. Quanto a essa visão, Rey (2005, p. 36) define:

... a subjetividade é um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo de seu desenvolvimento. Temos definido dois momentos essenciais na constituição da subjetividade – individual e social –, os quais se pressupõem de forma recíproca ao longo do desenvolvimento.

Entendemos, por isso, que a subjetividade é construída ao longo de nossas vidas através das experiências que vivenciamos e está sempre em constante transformação. A maneira como damos sentido às coisas que vivemos influenciados pela cultura, redes sociais, educação e informações dentre outros, e o valor que empreendemos desse sentido em nossas vidas tem lugar singular de justificar que a subjetividade está ligada ao emocional e ao simbólico e que se integram aos aspectos psicológicos de nossa identidade. Identidade essa que sofre ação do social e que também modifica esse mesmo social se integrando no desenvolvimento da cultura. Rey, (seq., p. 37) ainda explica que (...) “O indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social e, simultaneamente, se constitui nela”.

Guattari apud Rey (ibid, p. 45) escreve sobre como os indivíduos vivem a

subjetividade ora oscilando para uma relação de alienação e opressão ora uma relação de expressão e criação, sendo que o último resignifica a subjetividade tornando-a um processo de singularização.

Podemos dizer, então, que os sentimentos, os comportamentos, os relacionamentos, o estilo de vida e a cultura dos *gays* e *lésbicas* são, antes de tudo, um veículo de relação humana. E segundo Foucault (1984, pp. 320-335) em entrevista a J. O'Higgins, afirma:

... o movimento homossexual tem mais necessidade hoje de uma arte de viver do que de uma ciência ou um conhecimento científico (ou pseudocientífico) do que é a sexualidade. A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A sexualidade é algo que nós mesmos criamos - ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa.

Nessa entrevista, Foucault confirma as palavras de Guattari onde fala de uma relação de expressão e criação com foco na liberdade sexual para criar uma identidade homossexual. Confirmando as palavras de Foucault e Guattari, Isay (1998, p. 15) escreve que as experiências sexuais satisfatórias favorecem a auto-imagem do homossexual para assumir-se *gay* perante os amigos e a família, consolidando sua identidade como *gay*.

Um fator importante observado, durante a pesquisa literária, foi que há pouca bibliografia escrita por mulheres sobre a homossexualidade feminina, em relação aos homossexuais masculinos. Isto se deve ao fato de que foi somente nas primeiras décadas do século XX, além de já existirem quadros do lesbianismo, da amizade romântica, do devotamento pessoal e vida de solteira, que existiram outras escolhas para as mulheres, em suas histórias pessoais. As organizações unicamente de mulheres ofereceriam um porto seguro atraente para aquelas que viveram suas vidas com outras mulheres, quaisquer que fosse a natureza de seus laços. Naquela época algumas mulheres tiveram vidas conjugais tradicionais, enquanto outras cultivaram formas pouco convencionais de relacionamentos

heterossexuais. O modelo de mulher casada com um marido colaborador possuía grande estima, mas a heterossexualidade não-ortodoxa perdeu a respeitabilidade muito mais do que os relacionamentos de casais de mulheres e, conseqüentemente, começou a ser vista com desaprovação.

Outro fato de destaque, é que a história da espécie humana está marcada com corpos sexuados diferentes, corpo-mulher / corpo-homem. Sobre esses corpos se constroem todo um sistema de significações, valores, símbolos, usos e costumes que normalizam não só nossos corpos, como também a sexualidade e, nossas vidas, delimitado ao modelo da heterossexualidade reprodutiva. A cultura contemporânea não tem feito senão aumentar a submissão e deslegitimação das mulheres, este tem sido o fato fundador do patriarcado que se estende na cultura masculina contemporânea, ainda que haja o jogo de aparências democráticas e igualitárias. Por trás, existe uma história de repressão onde as mulheres ainda estão desprovidas da palavra e de proveitos políticos. É neste lugar simbólico onde se usa a sexualidade como um ato de apropriação que suporta a dominação como idéia de construção cultural.

Conforme Sanders apud Papp (2002, p.238),...”os maiores impedimentos que podem empreender para manter relacionamentos valiosos podem ser divididos no que chamei de ”a tríade da tirania”: patriarcalismo, machismo, e homofobia”. O machismo, segundo o autor, é o pior dos vilões por ser um conceito com bases culturais, enquanto a homofobia é a interiorização individual desse conceito, com enfoque negativo, onde gays e lésbicas tendem a acreditar mais no discurso do machismo do que a valorizar suas próprias experiências e seus desejos.

A homofobia tem um agravante no social, isto é, os atos homofóbicos cometidos pelas pessoas nas suas relações em sociedade (episódios de homofobia que todos os homossexuais vivem no cotidiano), passando pelas expulsões da casa dos pais até homicídios; tem outro agravante institucional, isto é, quando o direito e a política agem diretamente no sentido de perseguir os homossexuais: seria o caso do Holocausto Nazista, e de toda a espécie de aplicação de leis homofóbicas - do encarceramento em Cuba, à lapidação e morte em muitos regimes fundamentalistas; também a internalizada aquela que as próprias vítimas da homofobia transportam dentro de si como mecanismo de contenção, autocensura, ressalva e medo. Por outro lado, o patriarcalismo recai mais nas mulheres, posto

que, existe uma relação de poder que as fazem acreditar serem inferiores aos homens e se submetem à regra. Apesar de todos os problemas, surgidos ao longo dos séculos, os homossexuais têm tido idéias surpreendentes de desenvolvimento em suas relações.

Quando falamos de conceitos como patriarcalismo, machismo e homofobia é de fundamental importância ter-se consciência das repressões culturais com que convivemos, pois tais conceitos estão contaminados pelo heterossexismo, onde a nossa sociedade é estruturada no modelo heterossexual e patriarcal. O pensamento heterossexista desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos. Podemos sublinhar o caráter opressivo de que se reveste este pensamento na sua tendência para universalizar a produção de conceitos em leis gerais, que reclamam de ser aplicáveis a todas as sociedades, a todas as épocas, a todos os indivíduos. Isso implica refletir sobre os direitos ou acesso a determinados recursos que, os heterossexuais têm, como comunidade dominante, e que os homossexuais não têm.

Os discursos que oprimem lésbicas, mulheres, e homossexuais, em geral, são aqueles que tomam como certo que a base da sociedade, de qualquer sociedade, é a heterossexualidade. Estes discursos falam e alegam dizer a verdade num campo apolítico, como se qualquer coisa que significa algo pudesse escapar ao político neste momento da história, e como se pudessem existir signos politicamente insignificantes. Esses discursos oprimem no sentido em que impedem os homossexuais de falar, a menos que falem nos termos heterossexistas. Tudo quanto os põe em questão, é imediatamente posto de parte como elementar. A recusa da interpretação totalizante faz com que os teóricos digam que seja negligenciada a dimensão simbólica. Estes discursos negam toda a possibilidade de criar as próprias categorias.

A verdade é que a sexualidade humana é livre e solta, e que um interesse emocional se desenvolve muito cedo na vida e que esse interesse, então, vem cada vez mais à tona, à medida que a puberdade e a adolescência afloram certas fantasias e determinados comportamentos sexuais. A razão, conseqüentemente, do porquê dos homossexuais procurarem contato íntimo com indivíduos de seu próprio sexo não reside no fato de serem pervertidos ou luxuriosos, mas sim porque sua

natureza íntima não lhes permite viver o padrão de vida heterossexual.

O saber popular sobre casais homossexuais limita-se a relacionamentos curtos, problemáticos e sexualmente promíscuos. Histórias de casais bem-sucedidos de amor mútuo não são conhecidas devido à invisibilidade resultante do medo. Quanto a essa situação Sanders apud Papp (2002, p. 255) afirma:

... podemos incluir sentimentos de solidão, invisibilidade das relações, falta de modelos de papéis no relacionamento, abuso de substancias tóxicas, extrema confiança no sexo como forma de relação afetiva (genitalização dos sentimentos), administração dos limites pessoais, assuntos sexuais a serem resolvidos com antigos parceiros e a disponibilidade dos recursos do casal.

Em seus estudos em clínica, este autor (acima citado), aponta a solidão como um fator especialmente importante porque quando o/a jovem descobre que sua orientação afetiva é mais forte em relação às pessoas do mesmo gênero, percebem a visão pejorativa e patologizante que as pessoas, em geral, têm dos homossexuais. Como resultado desse preconceito social, muitos adolescentes reprimem seus impulsos e fantasias sexuais negando para si mesmos que são homossexuais. E diante desse aprendizado heterossexista eles têm dificuldade em aceitar as próprias experiências, na ilusão de que seja uma fase passageira, um momento conturbado em suas vidas e, que essa fase é uma passagem para a heterossexualidade.

Neste contexto, Sanders apud Papp (idem, p. 256) denomina o sofrer como síndrome de “se você soubesse”, e explica que por mais que estes homossexuais tenham reconhecimentos em suas vidas por suas conquistas no campo pessoal, acadêmico, social e familiar, eles se sentem sós, abandonados, ou seja, os elogios recebidos não conseguem ter significado por uma depreciação interna: “se vocês soubessem (que sou homossexual) não diriam essas coisas”. De forma semelhante, Isay (1998, pp. 78,79) aborda o tema como “homossocialização”, que é o assumir-se *gay* para os outros, pois isso ajuda a superar a rejeição sofrida por parte dos amigos ou familiares. Ainda diz, que funciona como um antídoto contra a sensação de isolamento cognitivo e social.

É dentro dessa mesma ótica que, ao falar da invisibilidade, os homossexuais sofrem com o estereótipo heterossexista por não haver estigmas que caracterizam um *gay* ou *lésbica* quando tentam um relacionamento, por isso, a busca pelos

guetos, que têm a oportunidade de interação social, pelo trabalho, na comunidade, na igreja e nos lugares de lazer com seus iguais. Porém, esses locais só oferecem bebidas e encontros sexuais e não propiciam espaço para reuniões de conversas abertas ou de amizade.

Afora estes fatores colocados sob a “tríade da tirania”, a qual o autor se refere, existe ainda a falta de modelos de relações visíveis, felizes, saudáveis e estáveis como acontece no mundo heterossexual, modelos estes que mostrem suas estratégias de desenvolvimento, de relação e solução de problemas que não estão disponíveis para os homossexuais. Existe, também o abuso de substâncias tóxicas que além de serem usadas para enfrentarem o desconforto emotivo, na tentativa de sentirem-se mais confiantes e menos tímidos, os bares e danceterias ainda são o ponto de reuniões e de socialização na cultura homossexual; e a genitalização dos sentimentos afastam os métodos alternativos de afeto, como namorar, cortejar, apresentar-se a outras pessoas sem receios no intuito de abortar e realizar suas verdadeiras necessidades emocionais. Marilena Chauí (1991, p. 204) em seu livro *Repressão Sexual* cita o aprendizado sexual como dependência da informação masculina ou revistas especializadas que reforçam os estereótipos e garantem a repressão em relação às mulheres e aos homossexuais. Embora já passados 14 anos e muitas transformações acontecidas, esta realidade ainda se apresenta diante de nós como estratégia do silêncio, onde os outros falam por eles e deles.

Relevante papel, os relacionamentos têm que se alicerçam no conceito família. Família, para um antropólogo, é algo visto como social e culturalmente relativo numa mesma unidade de observação, por exemplo, uma sociedade. Relativismo, neste caso, não significa relativismo moral ou ético. Significa relativismo metodológico, isto é, o reconhecimento de que não existe uma autoridade desinteressada que defina “A Família”, mas sim atores sociais e níveis de identidade, diferenciados, em disputa, que reclamam para si definições histórica e culturalmente salientes. Não há, tampouco, um conceito delimitado de família. A lei não dá uma definição. Para defini-la buscaram-se diversos elementos: sujeição (dos integrantes da família a um de seus membros), a convivência (os membros da família vivem debaixo do mesmo teto, debaixo da direção e com os recursos do chefe da casa), o parentesco (conjunto de pessoas unidas por vínculo jurídico de consangüinidade ou de afinidade), a filiação (conjunto de pessoas que estão unidas

pelo matrimônio ou a filiação, ainda que excepcionalmente pela adoção). Portanto, a família é uma instituição social.

O passado tem mostrado que assumir-se homossexual pode ser uma decisão difícil, pois muitos temem que a rejeição da família, dos amigos, em seus locais de trabalho e na religião. Esses são vínculos sociais importantes e rompê-los significa um sofrimento que muitos preferem evitar. Por outro lado, a construção de um futuro mais digno implica em estabelecer relações baseadas na confiança, no respeito e no afeto e, para que se alcance um estágio assim é preciso que o homossexual vença o medo e enfrente a hipocrisia e o preconceito, tanto o próprio quanto o social.

Por outro lado, os homossexuais encontram seus companheiros no lugar onde moram, trabalham e divertem-se. É, portanto, comum que ex-parceiros façam parte do grupo de amizades do novo casal onde as conseqüências de relacionamentos anteriores interferem no envolvimento presente, como os filhos, ex-esposas, ex-maridos (quando a relação anterior era heterossexual), a família biológica e a família escolhida e o círculo de amigos. A família conceituada tradicionalmente como biológica patriarcal está em transformação no universo homossexual, posto que, o *status* positivo de família escolhida pode incluir membros da família de origem, amigos homossexuais, que deram apoio e ajuda ao casal, e heterossexuais com aceitação à relação. Essa mistura de pessoas queridas dá um grande estímulo e suporte aos casais na tentativa de celebrar as diversidades que encontram em seus caminhos. Uma das diversidades é quando uma das famílias de origem resiste à união dos sujeitos. Essa recusa em aceitar o “casamento” torna a formação do casal em algo bem mais desafiador do que para os casais heterossexuais. É importante que a aceitação, a compreensão e a valorização por parte de um dos casais compense a rejeição sentida pelo outro.

Marvin e Miller apud Papp (2002, pp. 278-279) narram um acontecimento conflitante que ilustra a afirmação acima: a história de Andy e Emily que não se assumiram frente à sociedade, embora tivessem dez anos de relacionamento e criado seus filhos de dois casamentos anteriores. Andy era de família cristã fundamentalista, tinha um filho e seu medo de ser abandonada pela família a forçou a se identificar com a heterossexualidade. Mas quando se conheceram e apaixonaram-se, a transição foi muito difícil de ser vivida por ser a dor algo novo em suas vidas e a culpa sentida em relação ao que estavam terminando.

Os filhos adolescentes, de Andy e Emily, por outro lado, sentiam dor e raiva pelas perdas e mudanças que estavam sendo submetidos. Um dia o filho de Andy chegou de um acampamento com um pirulito com o adesivo: "Há uma lésbica em sua família. Ponha fim a homofobia". Ao mesmo tempo sua família, religiosa e conservadora, negava-se a aceitar sua decisão. Assim como algumas amigas antigas que mudaram significativamente e acabaram por se afastar dela. Entretanto, a família de Emily apoiava o casal, mas isto lhe causou incômodos e magoas, pois tinha receio de que Andy acabasse por escolher sua família e a abandonasse. Depois de algum tempo em terapia, as duas passaram a viver juntas e Andy desistiu de suas esperanças em relação à família de origem e, sentiu-se emocionalmente mais aliviada devido a sua honestidade para consigo mesma desconsiderando a idéia heterossexista de que as mulheres não têm um lugar de direito, a não ser sob a condição de estar em relação com os homens e com eles exclusivamente. Isto significa dizer que muitos casais de homossexuais carecem de apoio em seus relacionamentos e, principalmente de suas famílias.

Na atualidade, os pesquisadores debatem o equivocado conceito de que os casais de pessoas do mesmo sexo são infelizes e instáveis, mas essa é uma visão turva contaminada pelo modelo heterossexista. Na terapia atual, de acordo com Marvin e Miller apud Papp (idem, p. 271)... "os teóricos do Stone Center interessam-se pela *qualidade do processo* entre os dois indivíduos. Eles concentram-se na autenticidade relacional, na múltipla empatia, no comprometimento e autorização como critérios de saúde e de maturidade". Nesses estudos constatou-se que no relacionamento entre lésbicas existe um alto grau de intimidade e sensibilidade em relação às emoções e acomodamento de identidade, tendo como resultado uma relação natural e saudável.

Outra diversidade que destacamos como significativa e mais abordada na situação de muitos anos de convivência, é a legal. Apesar de termos um Código Civil novo que começou a vigorar em 11 de janeiro de 2003, a homossexualidade não tem nenhum amparo legal embora a prática seja tão antiga quanto é o próprio Direito. Segundo a editora Alexandra Cavalcanti (2003), Zeno Veloso, que orienta quatro trabalhos de conclusão de curso sobre o assunto, lembra a atuação da juíza Maria Berenice Dias, do Rio Grande do Sul, autora do livro "União Homossexual - O preconceito e a Justiça" (obra publicada pela Livraria do Advogado Editora - www.livrariadoadvogado.com.br).

doadvogado.com.br, Porto Alegre, 2000) e diz:

...Ela sempre se baseou nos princípios constitucionais, como dignidade humana, a não discriminação quanto ao sexo, igualdade de direitos, entre outros para resolver questões que envolvam o assunto, já que no Brasil não existe legislação sobre a matéria.(...) É preciso que uma lei seja regulamentada pelo legislador, embora seja a condição de uma minoria da população, é imprescindível dar cidadania ao homossexual, tal como aconteceu com outras minorais, como os negros, as mães solteiras, as companheiras, os filhos outrora chamados de ilegítimos e tantos outros, que tiveram que lutar muito para terem seus direitos reconhecidos.

Diante disso, hoje existe uma tendência a vislumbrar as uniões homossexuais cada vez mais nos moldes da união estável (Lei 9.278/96), por existirem semelhanças evidentes, uma vez que ambas as relações se baseiam em afeto e não são formalizadas, existindo uma relação de amor comum entre os parceiros, como também as dificuldades impostas pela sociedade e sofridas pelas famílias homossexuais, tal como ocorria com os concubinos - hoje amparados pela lei.

O problema da questão dos Direitos Homossexuais está no fundamento de um “direito que se gostaria de ter”. Chauí (1991, p. 141) lembra : (...) “A fórmula civil, tão simples e óbvia para nós, legaliza a repressão”. Não existe em nosso código jurídico qualquer alusão à proteção do indivíduo baseada em sua orientação sexual. Nossa Carta Magna é omissa em relação à proteção do indivíduo com base em sua orientação sexual, porém oferece o pressuposto de que ninguém pode sofrer discriminação *de qualquer natureza*.

Diante de tantas improbidades e preconceitos vemos crescer os movimentos e ongs em prol dessa parcela minoritária da sociedade que busca seus direitos e quer, simplesmente, uma vida a compartilhar, tranqüila e estável, como qualquer outra pessoa, seja heterossexual ou homossexual. Nesse sentido sobressai o grupo mais antigo no Brasil, fundado por Luiz Mott (2005) em 1980, o GGB, Grupo Gay da Bahia, que é uma associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais. Registrou-se como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, sendo declarado de utilidade pública municipal em 1987 e por esta razão o GGB é carinhosamente chamado de Sindicato dos Gays. Dentre seus principais objetivos destacam-se, segundo Mott:

...defender os interesses da comunidade homossexual da Bahia e do Brasil, denunciando todas as expressões de homofobia, lutando contra qualquer forma de preconceito e discriminação contra gays, lésbicas, travestis e transexuais; divulgar informações corretas sobre a orientação homossexual, desconstruindo o complô do silêncio contra o "amor que não ousava dizer o nome" e construir um discurso científico e correto, lutando contra comportamentos, atitudes e práticas que inviabilizam o exercício da cidadania plena de gays, lésbicas, travestis e transexuais no Brasil. Trabalhar na prevenção do HIV e Aids junto à nossa comunidade e outros grupos vulneráveis à epidemia; conscientizar o maior número de homossexuais da necessidade urgente de lutar por seus plenos direitos de cidadania, fazendo cumprir a Constituição Federal que garante tratamento igualitário a todos os brasileiros.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

O estudo foi conduzido segundo a Metodologia de Pesquisa Qualitativa, uma vez que a natureza do objeto de pesquisa é pertinente a esse referencial teórico – o conhecimento construtivo interpretativo. Rey (2002, p. 29) fala das várias formas de produção de conhecimento diante de uma realidade diversificada e plural onde a subjetividade humana está representada. É preciso esclarecer, que a metodologia é entendida como o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico.

Uma nova forma de se representar a relação entre sujeito e objeto, bem como entre indivíduo, natureza e sociedade, desenvolve-se como parte de transformações históricas de uma condição pós-moderna, pois os discursos totalizantes e universalistas perderam legitimidade. Esses discursos, Rey (idem, p. 161) chama generalização, que substancia e coisifica o generalizado e que toma forma de verdade fixa e indiscutível. Em contrapartida, ao valorizar as experiências particulares de grupos e indivíduos, estas tendências rejeitam qualquer idéia de totalidade, desde a concepção de uma história universal da humanidade até o domínio de estilo único ou solução técnica. Hoje a constituição dos sujeitos passa por critérios de identidade que os integra emocionalmente nos espaços sociais produzindo novos sentidos subjetivos, pois cada pessoa reage, de modo singular, aos estímulos psicossociais que recebe.

De acordo com TURATO (2000, pp. 94/95), a base filosófica para as metodologias qualitativas atuais tem o homem por seu objeto de estudo, conforme aponta amplamente a literatura, inclusive para os métodos empregados, principalmente, na área da saúde e da clínica. O método de pesquisa qualitativa continua o autor, tem como enfoque as “coisas que acontecem” com as pessoas, dirigindo-se para a vivência cotidiana e que tomam significado. Significado esse que quando interpretado ganha sentido nas expressões do sujeito (Rey, 2005, p. 31), pois tanto o pesquisador como o sujeito, têm lugar ativo como produtores de pensamento. Dentro desse enfoque, o mesmo autor, considera a produção de teoria, (que se mostra como sistema aberto), essencial ao método de pesquisa qualitativa, pois diante do caráter interativo da produção de conhecimento o pesquisador legitima a singularidade do pesquisado como fonte de conhecimento científico,

“como forma única e diferenciada de constituição subjetiva” (idem, p.35). Dessa feita, a expressão individual adquire significação na produção de idéias para que o pesquisador possa reconstruir a teoria conforme sua capacidade reflexiva, não limitando sua percepção quando confronta o empírico ao teórico. A preocupação é com o valor que se concede à pesquisa.

Por outro lado, os pesquisadores, em sua maioria, estão habituados a modelos cientificistas caracterizados pela metodologia quantitativa ao fazer uso de instrumentos positivistas. Na pesquisa qualitativa a informação (como citado acima) é o instrumento de reflexão do pesquisador no processo de construção e interpretação facilitando a comunicação com o pesquisado. Rey (ibidem, p. 42) define instrumento como: “uma ferramenta interativa, não uma via objetiva geradora de resultados capazes de refletir diretamente a natureza do estudado independente do pesquisador”. A ruptura com modelos antigos é contraposta com um modelo novo: os sistemas conversacionais, ou seja, a conversa, o diálogo, as frases de completar, relatos de vida e até conversa informal. Além, é claro que podem ser expressos individual, oral e escritos ou interativos, em discussões de filmes, livros, dinâmicas de grupo, situações de marionetes e de jogos nas pesquisas com crianças. Todos são meios de informação para obtenção de dados usados como instrumento dentro de uma pesquisa. Rey (ibid, p. 86) relata que a entrevista na pesquisa qualitativa

... não é um instrumento mais organizado em forma de perguntas padronizadas, pois o diálogo permanente que a pesquisa envolve integra os interesses concretos do pesquisador, os quais aparecem como momentos de sentido no curso do diálogo.

O momento do diálogo, como dinâmica conversacional para obtenção de dados, não pode ser visualizado como um simples procedimento mecânico e linear, mas como um encontro interativo, uma relação pesquisador / pesquisado, caracterizado pela empatia, confiança e interesse, estimulando um vínculo afetivo. É nessa direção que acontece o processo de construção de conhecimento, em conversação espontânea, pois além de levar a uma participação efetiva, cria uma atmosfera mais humanizada com o sujeito, que discorre sobre si envolvendo suas reflexões e emoções.

Ao optarmos pelo estudo de caso, pensou-se na grande vantagem deste método que consiste no fato de permitir ao pesquisador a possibilidade de se concentrar num caso específico e no aprofundamento de análise de um sujeito, no intuito de interpretar as suas características mais individuais, com vista a entender como se processam as emoções sobre a população à qual pertence. O método de estudo de caso particular é de especial importância porque proporciona uma oportunidade para estudar, de forma aprofundada, alguns aspectos de um tema em pouco tempo. Um estudo de caso significa uma tarefa que tem como objetivo a tentativa de aprofundar o nível de compreensão de um momento que está sendo vivido por um ser humano. O propósito é se ter uma consciência mais clara de alguns fatores que possam estar contribuindo para a construção do seu modo de ser e de atuar naquele seu momento histórico.

Além disso, o estudo de caso é um dos vários modos de realizar uma pesquisa. Outros modos incluem experiências vividas, histórias, e a análise de informação de arquivo. Cada estratégia tem vantagens e desvantagens que dependem de três condições: o tipo de foco da pesquisa; o controle que o investigador tem sobre eventos comportamentais atuais, e o enfoque no contemporâneo ao invés de fenômenos históricos. Estudos de casos podem ser classificados de várias maneiras: explicativos, cognitivos, expositivos. Porém o que iremos tratar neste trabalho é "estudo de caso construtivo interpretativo".

O instrumento usado é o diálogo conversacional informal e complemento de frases com sessões de uma hora, uma vez por semana, à noite, de acordo com as possibilidades de horário da pesquisada. O diálogo não foi direcionado com perguntas estruturadas previamente, porque se fosse assim seria um questionário e ao nosso ver restringiria o assunto não favorecendo o surgimento das emoções (que é nosso objetivo), então a pesquisada foi orientada a falar de sua vida e à medida que alguns pontos foram levantados, a pesquisadora interveio com algumas perguntas para maiores esclarecimentos. O clima das entrevistas, no decorrer do tempo, foi ganhando credibilidade devido à confiança que se instaurou entre as duas participantes criando um vínculo afetivo. Estas foram feitas na casa da pesquisadora, em uma sala reservada, medindo aproximadamente cinco metros por quatro metros, bem iluminada, com amplas janelas e ar-condicionado, além de poltronas confortáveis no afã de deixá-la bem à vontade. As sessões foram gravadas

e transcritas em sua íntegra.

Embasado nesse modelo de pesquisa qualitativa, escolhemos um estudo de caso com uma homossexual Rebeca¹, de 27 anos, brasileira, nascida em Brasília (DF), graduada em Educação Física, 1,67m de altura, devota fanática por esportes radicais, extrovertida, falante e inteligente. Trabalha em uma academia de ginástica, dando aula de *spinnig* e, em uma escola de ensino fundamental, dando aulas de natação, e é também *personal trainer*.

O estudo foi realizado com uma mulher assumida homossexual, de uma família de três filhos, sendo ela a do meio, de classe média, e segundo sua descrição não gostava muito de estudar, mas formou-se em Educação Física e pretende fazer pós-graduação em sua área. Passei a chamá-la de Rebeca, por motivos óbvios, assim como também toda sua rede social. Ela se denomina uma mulher forte que não suporta sofrer muito e controla bem seus sentimentos e emoções. Disse ter tido uma infância tranqüila e feliz, num lar com pais separados há três anos e com problemas do cotidiano atribuídos a qualquer família que se intitula normal.

Descobriu-se homossexual por acaso com uma colega do ensino médio, mas a partir daí, entendeu sua predileção em brincar com os primos e amigos de escola ainda quando criança e pré-adolescente. Narrou, em função disso, que as meninas tinham as brincadeiras chatas e eram tolas demais e, por isso, não gostava de brincar com elas, e só raramente o fazia. Rebeca afirma que adorava brincar de carrinho de rolimã, jogar futebol, brincar de Chips com os primos (ganhou até uniforme). Dos doze aos dezesseis anos não percebeu nada diferente das outras adolescentes, mesmo porque namorou vários garotos igual suas amigas e, portanto, sentia-se “normal”.

A descoberta foi como um incidente, voltando de uma festa, ela e sua colega de classe, beijaram-se, levaram um susto e afastaram-se sem entender o que estava acontecendo. No dia seguinte, ficaram se falando por telefone, mas sem tocar no assunto, e algum tempo depois começaram a enviar bilhetes uma para outra em sala de aula, ainda sem tocar no ocorrido, como coisas de adolescente mesmo, conforme Rebeca. Após alguns dias, conversaram a respeito dos beijos, passaram a deleitar-se com os acontecimentos e então assumiram estar namorando, ficando nesse

¹ Nome fictício.

namoro por dois anos e três meses. A partir desse período começou a perceber um mundo fechado, de “lícito temido”, segundo seu depoimento.

Tempos depois, conheceram uma homossexual que as apresentou ao mundo *gay* em toda sua amplitude. Frequentaram bares, cafés, boates e festas *gays*, onde para ela foi sua descoberta. Descoberta essa, que se tornou importante para entender o que se passava em seu mundo interior. Terminou seu namoro com a colega e nessa época, disse ter atitudes desenfreadas por conhecer pessoas novas, fazer amizades e teve uma vida desregrada, pois passou a frequentar noitadas com bebidas e muitas mulheres a beijar. Voltando às noitadas, dançava muito e até bebia um pouco além da conta. E como sempre tivera fama de namoradeira, um amigo *gay* que passarei a chamá-lo Rudy, sugeriu que fingissem estar namorando, porque dessa forma tanto ele quanto ela estariam protegendo suas verdadeiras identidades. Lembrou ter aceitado no início, mas como sempre tivera atitudes de enfrentamento direto aos problemas, achou muito desagradável continuar com a farsa. Confessa que, além de considerar hoje um fato bobo, foi importante como experiência de vida.

Nesse trecho da conversa Rebeca destacou que o carro dela foi visto nas imediações de uma boate *gay* e, que ela e seu amigo Rudy (acima mencionado) acharam por bem falar abertamente para algumas pessoas. Rebeca e Rudy ficaram com medo de suas amizades sofrerem abalos e com isso perder amigos. O tempo passou e as dúvidas emergiram no âmbito familiar de Rebeca, fato que a incomodou um pouco porque eram feitas algumas brincadeiras de mau gosto. De acordo com seu depoimento se esse parente chegasse e perguntasse, abertamente, ela responderia clara e tranquilamente a ele. Lembrou, ainda, sobre esse fato porque isso a incomodou não por ser homossexual, mas como ser humano, e continuou frisando sua postura de enfrentar tudo de peito aberto.

Apesar de muitas badalações pelas noites afora, ela afirmou que trabalhou desde cedo e sempre teve responsabilidade para com seu desempenho, cumpridora de seus deveres e obrigações. Mas isso não a impossibilitava de sair e “curtir” demais. Passada essa primeira etapa, ela teve um relacionamento de um ano e oito meses, com uma mulher mais velha, com altos e baixos, uma relação com seu lado bom e o outro não tão bom assim. Atribui o insucesso a momentos diferentes que uma e outra estavam enfrentando. Após o término voltou às badalações e noitadas, de novo, até que percebeu não fazer sentido e afirmou ser fases da imaturidade.

Nessa época, sua irmã já sabia e começou a mandar indiretas para sua mãe, mas Rebeca acha que a “Soft” (como se refere à mãe) sabia, mas não queria enxergar. Pensa que como a mãe não conseguia lidar com o fato resolveu ignorar. Mas o tempo passou e as inquietações foram serenando, tanto que seu pai quando soube aceitou tranquilo (“lighth” como disse ela), sua mãe focava outro tipo de preocupação, ou seja, temia discriminações e preconceitos para com a filha, temia que ela se machucasse nos relacionamentos, temia a violência nas ruas, etc. Tudo isso que é uma preocupação natural de uma mãe para com um filho adolescente. Porém, disse não ter certeza de que as falas da mãe eram só dela ou se estavam embuídas de conteúdos paternos. Rebeca assinala ainda que a “Soft” nunca teve cobranças discriminatórias para com ela, só as costumeiras de qualquer mãe, que força o filho a se dedicar mais aos estudos, a não chegar tão tarde em casa, avisar se não vai dormir, nada além de um *script* de mãe zelosa, que determina limites.

Rebeca adora dançar, festas dançantes, músicas eletrônicas, mas diz que como virou modismo, por esse motivo “patricinhas” e “mauricinhos” freqüentam estes locais, fora os “doidões” (pessoas que usam drogas) também e, por isso, perdeu a graça. Gosta muito de viajar, viaja com a família ou com amigos, gosta de conhecer lugares diferentes e bonitos, no entanto, não gosta de um único público, isto é, só gays, só heterossexuais, gosta de público diversificado, onde completa dizendo ser mais interessante.

Nas primeiras sessões de nossa conversa, Rebeca namorava uma mulher (que passarei a chamá-la de Mel), há quatro anos e dois meses, com dois filhos, vinda de dois casamentos fracassados e se dizia não gay. No início, dizia apenas gostar de Rebeca, mas com o passar do tempo assumiu-se gay. A família de Mel sempre fora contra e nunca aceitou seu relacionamento com Rebeca. Com a morte da mãe de Mel, há poucos meses, parece, conforme Rebeca, que isto confundiu mais ainda sua cabeça, e como uma última gota, fez transbordar a água do copo e elas terminaram. Mesmo porque o namoro já não estava bem, devido a esses e a outros tipos de problemas.

CAPÍTULO III

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Logo no início, quando Rebeca fez um resumo de sua vida, relatou experiências da criança e da adolescente que foi, com destaque ao gosto por brincadeiras masculinas e namoros heterossexuais, onde até então não sabia ser homossexual. Após as sessões de conversas que tivemos utilizamos, também, o completamento de frases, que muitas vezes mostra-se significativo, pois vão costurando os núcleos de sentido destacados nessa discussão. Rebeca diz:

... Aí sempre tive esta questão de gostar dos meninos, né dos homens, né, nessa parte. Na escola sempre brincava com os meninos, jogava futebol com os meninos, nunca brincava com as meninas, vez ou outra brincava com as meninas, no decorrer do tempo veio o processo do, de adolescência, né, dezessete anos, meados de dezessete, dezoito anos, tive alguns namoradinhos também, na infância aquela brincadeira, doze, treze anos, quatorze. ... sempre gostei de atividades masculinas, sempre gostei por causa do esporte...Tive alguns namorados mais sérios, mais relação mais curta, no máximo de oito meses ou seis meses, se não me engano,... tive bastante experiência com mais de cinco. Tive e foi bacana, não teve nada de desagradável, nada que me falasse ai que não gostei daquilo, não gostei daquilo outro não, nada que tivesse um trauma, nem nada não, foi tudo bem bacana totalmente bacana.

Podemos perceber que Rebeca teve uma infância e adolescência como qualquer criança que brinca, se diverte, e que teve sua predileção por jogos masculinos, talvez por ser sempre ligada ao esporte. Entretanto, não podemos afirmar que por usar de brincadeiras masculinas, isso tenha contribuído para ser homossexual, mesmo porque suas amigas que brincaram e fizeram esportes com ela não se tornaram homossexuais e, apontar causas da homossexualidade não é essa a intenção de nosso trabalho. A infância de Rebeca, nesse trecho e em outros que não foram transcritos aqui, tem um sentido subjetivo de felicidade e de liberdade muito marcante, pois como ela nos disse era uma época sem compromissos. Na adolescência teve relacionamentos com homens, onde ela própria fala que foram sem problemas e frisa que foram felizes. Apesar de frisar que a adolescência tenha sido feliz também, Rebeca parece demonstrar que foi um momento conflituoso em

sua vida, porque já o é para todos os adolescentes. Apresentamos a seguir algumas frases que nos remetem à infância e somente uma à adolescência:

- 10. Minha infância foi: Muito feliz.
- 11. O tempo mais feliz: A infância.
- 34. Quando eu era criança: Era muito levada.
- 43. Minha adolescência foi: Ótima.
- 44. Melhor momento da vida: Infância, por não ter compromissos.

Em todas as frases observamos uma conotação emocional coerente com o núcleo de sentido destacado no segmento de informação analisado. Rebeca expressa, em relação à infância, o sentido subjetivo de felicidade confirmando a análise feita, e fala de sua liberdade nas frases 34 e 44, que essa liberdade está ligada ao descompromisso e falta de responsabilidade próprios da etapa vivida. Quanto à adolescência confirma nossa hipótese de estar impregnada de conflitos, mas como veremos adiante, referi-se como “Ótima”, por ter boas recordações dessa época, onde vemos também uma conotação emocional.

Ao conversar com Rebeca sobre o tema da pesquisa percebemos uma certa resistência em relação aos sentimentos, então com cautela fomos falando de sua história de vida, pois vimos que se fôssemos direto à parte relevante, que é a afetividade, não teríamos sucesso, porque segundo ela dar margem para os sentimentos é fraquejar e, portanto, não gosta de se mostrar fraca. No entanto, com o decorrer das entrevistas a dinâmica do diálogo favoreceu o aparecimento de tais emoções.

*(...) e vimos aquele mundo fechado, né, aí é que nessa fase, que vem essas coisas de ilícito temido, pôxa, eu sempre naquela equipe do surf, naquela galera, cê fala pô imagina aquela galera nossa, porque a gente é muito imaturo né, na época, pô será que se alguém ficar sabendo de mim... é ... vai ... falar alguma coisa, vou me sentir mal e tal, porque cria aquela insegurança, aquela imaturidade mas... **naaada** (ênfase da própria) do outro mundo, porque eu sempre peitei muitas situações na vida né?*

Em seu relato nota-se, com freqüência, esses sentimentos externados e, somado a isso, destacamos “aquele mundo fechado”, “lícito temido”, que demonstra um sentido subjetivo de medo controlado, pois parece significar um outro sentimento, o temor de lugares, até então, novos e desconhecidos. Merece

realçar ainda, nesse trecho, quando Rebeca fala “se alguém ficar sabendo de mim” e faz menção da fama que tinha de namoradeira, colaborando para que se sinta insegura e com medo, o que poderia levá-la ao isolamento como apontado por Sanders que menciona a solidão, assim como, a síndrome de “se você soubesse”. Nesse contexto, podemos refletir sobre a informação dada, onde Rebeca sente-se temerosa se perdesse os amigos que a acompanharam durante tanto tempo, mas que não a deixaram. E completando esse assunto, vemos que existem traços também do abordado por Isay: a homosocialização, onde ela teme a rejeição de sua rede social, em assumir-se homossexual.

Por outro lado, Rebeca demonstra coragem ao dizer que enfrenta tudo, “*sempre peitei muitas situações*” e, tem vontade de vencer quando subjetivamente dá sentido ao fato, justificando que parecia imaturidade e que não era tão danoso, “*nada do outro mundo*”. Vejamos algumas frases:

- 14. Esforço-me: O bastante.
- 17. Meu maior temor: Insegurança, medo.
- 24. Algumas vezes: Fico meio chateada, brava.
- 28. Minhas melhores atitudes são: Metódicas, técnicas.
- 35. Quando eu tenho dúvidas: Fico doidinha, pensativa, ansiosa.

Notamos nesse conjunto um misto de emoção e razão, que vem abonar, mais uma vez nossa análise, quando Rebeca, nas frases 17, 24, e 35, diz de suas emoções em relação a sua rede social ao pensar em assumir-se homossexual. E a condição de enfrentamento, nas frases 14 e 28, ao utilizar a razão como forma de luta na solução de problemas.

No trecho abaixo verificamos ainda esses mesmos sentimentos e enfrentamentos:

...Mas então naquela época você ficava meio insegura, com medo, pôxa, e fazia tipo, até mesmo muita gente fez tipo, nesta mesma situação, neste contexto, o Rudy entra nesta história, que até mesmo ele foi que falou, eu nem queria ter feito isso, ah vamos beijar, vamos ficar pra fingir pros outros que a gente namora, coisa mais besta que foi, realmente em partes eu não concordava e falava “cara” isso aí não é legal, eu falava era uma coisa mais boba do mundo.

Nesse trecho, embora não concordasse totalmente com seu amigo Rudy no

afã de interpretar papéis, Rebeca aceita a sugestão na tentativa de administrar seus conflitos psicológicos e a homofobia internalizada, da época. Ao mesmo tempo em que aponta sentir-se insegura e com medo de lidar com essa fragilidade em relação aos seus outros amigos.

No segmento a seguir, Rebeca revela que não se sentia bem em representar um namoro com Rudy. A pesquisadora, então, pergunta se fingir para os demais sobre esse namoro fictício se aquilo a incomodava:

... Eu achava bobo demais que não precisava disso ao mesmo tempo, tanto é que quando neguinho foi lá na boate gay ver nosso carro, eu falei "ó não devo nada pra ninguém, num sei quê, e ele (Rudy) ficou nervoso e num sei quê, então eu falei vamos chegar lá pra conversar e a gente foi lá e conversou, entendeu? Nós fomos, eu falei tem um problema, tem que chegar nas pessoas e olhar no olho de cada um e falar: "ó o negocio é esse, é isso e aquilo, aquilo outro e aí? Vão virar as costas, vão continuar saindo com a gente? porque por mais com que as pessoas..., hoje em dia já não vejo assim, antigamente as pessoas falavam: Caraca velho, tal pessoa! Por exemplo, que naquela época uns tinham fama de, ele no caso, que ficava com todas as meninas, eu com todos os homens, e ficava mesmo nos bailes de carnaval e tudo, então nossa! ela que ficava com todos os homens, hã...não acredito. Se tem essa, hoje em dia...como eu tô na boca do povo e aí é mais tranqüilo...Imagina eu chegar numa rodinha o pessoal falar ah aquela menina lá...e tal coisa, sapata, ou então outros linguajares aí pejorativos.

Esse é um momento de impacto causando sofrimento na pesquisada, pois além de estar preocupada com suas relações, não quer para si xingamentos, quer respeito, quer tratamento igual ao que sempre tivera. (Em outra oportunidade Rebeca nos esclareceu que sapatão, veado e até mesmo lésbica são formas de xingamento). Esse sofrimento foi sentido, mais uma vez, como pudesse cortar suas relações sociais com seus amigos e, que se manifestou como uma homofobia internalizada construída nos moldes heterossexistas e se consolidou às suas experiências pessoais interiores, pois nessa época ainda acreditava mais no discurso machista do que em suas próprias experiências e desejos. Entretanto, foi nesse evento que ela teve a oportunidade de enfrentamento com os amigos e foi também a ocasião em que passa a assumir para eles a sua identidade. O sentido subjetivo da amizade é expresso, para ela, de forma verdadeira ou falsa. Se sua rede social fosse verdadeira, Rebeca não seria rechaçada nem criticada por ser

homossexual, então, contaram suas identidades francamente e para a surpresa dos dois não tiveram nenhuma manifestação de preconceito nem discriminação. Nessa narrativa, ainda observamos uma outra produção de sentido além do afeto para com seus amigos que inclui o seu caráter ativo diante da vida no que se refere a um novo curso de sua existência como para integrar-se ao papel assumido. Vejamos suas frases:

19. Sofro: Às vezes.
22. Gosto de: Verdades, dignidade, caráter.
30. Minha opinião: Sobre o ser humano, cada vez mais complexo.
31. Custa-me muito: Aceitar algumas coisas e ter que engolir.

Na frase 19 vemos que Rebeca revela um sentido, já abordado anteriormente, de não se deixar abater nem sofrer por muito tempo e que vem se juntar a um outro - o seu sofrimento -, ao falar que custa muito ter que “aceitar algumas coisas e ter que engolir”. Por outro lado, percebemos, na 22 e 30, o sentido de caráter em revelar as verdades de si somado à dignidade em assumir-se. Mostra-se insegura e com medo, mais uma vez, ao ter que se deparar com a complexidade do ser humano como um ser totalmente subjetivo em suas reações. Porém, ainda mostra-se confusa, quando fala:

... eu tinha atitudes mais novas, daquela coisa desenfreada, de passar uma noitada, querendo curtir tomando todas, beija uma menina, beija outra menina, beija outra, beija outra, naquela festividade e aquela coisa vazia, né, aquela coisa boba, mais boba, mas valeu, foi maravilhoso, foi muito bom como experiência, né.

Nesse segmento, observamos o sentido subjetivo sobre a adolescência em sua explosão, que independente de ser homem ou mulher, é comum, todos saírem buscando o máximo de satisfação para liberar seus hormônios que estão em erupção. É comum no processo de estruturação da própria identidade, o adolescente experimentar medo e insegurança diante das mudanças corporais, da orientação ao sexo oposto, do perceber-se observado pelos outros, preocupando-se em agradar e ser aprovado pelo grupo. Nessa busca de estruturação da própria personalidade, vivencia ambivalência, vacilação e contradição, que são potencializadas pela confusão gerada. Haja vista as festas de carnaval fora de

época (Micarês) onde a maioria aposta para ver quem beija mais, porque é nessa época que os jovens buscam o grupo como afirmação de pertencimento e para tal necessitam mostrar que são bons em suas conquistas. Mas essa inquietação não ficou estagnada na adolescência, como podemos confirmar:

- 18. Não consigo: Ficar quieta.
- 21. Divirto-me: Demais.
- 25. Meu maior problema é: Minha impulsividade.

Nesse conjunto, notamos uma diversidade que configura uma adolescência agitada e sua vida de adulta da mesma forma, o que pode nos levar a uma hipótese de hiperatividade, se considerarmos que até hoje as frases 18, 21 e 25, onde ela destaca esses elementos e alia a esses a impulsividade. A seguir vamos conhecer como tudo começou:

... com dezessete mesmo, tinha uma amiguinha minha que eu conheci ela lá no colégio, ... , entendeu, e aí o q aconteceu, a gente tinha aquela amizade boa, chama-se Sandy, e aí a gente ficou amiga, aquela amizade muito interessante, muito alegre, era amizade mesmo, a principio. Saímos um dia para uma festa, tomamos umas e outras e na volta, minha filha, começamos a beijar, beijamos, beijamos, até, aquela coisa. Depois uma empurrou a outra, e não falamos mais nada, um minuto de silêncio... aconteceu isso nessa noite e, aí no dia seguinte, nos falamos por telefone, mas ninguém tocou nesse assunto foi super interessante, depois de uns dias na escola, aí uma ficava mandando bilhetinho uma pra outra, sem falar no assunto, cheia de gracinha uma com a outra, mas não se falava nisso, foi aquela coisa bem adolescente mesmo. Depois começamos a nos... a comentar uma pra outra sobre o ocorrido, e começamos a ter um namoro sem saber que era um namoro, era uma coisa muito interessante que era aquela conquista e aquela coisa e tudo, mas não era uma coisa assumida como namoro... foi a primeira vez das duas, até então nenhuma das duas tava entendendo o que estava acontecendo, ficamos espantadas e tal, aí foi tão bacana que começamos a curtir isso aí, curtir, curtir, e aí ficamos namorando e aí falamos realmente estamos namorando.

Notamos aqui a forma como as experiências foram tomando uma complexa produção de sentido: sem consciência, não percebendo as conseqüências que poderiam surgir, e não sabendo o que de concreto acontecera. No entanto, como existia um sentimento entre Rebeca e Sandy, que era de amizade (e perdura até nos dias de hoje, dito por Rebeca em outra ocasião da conversa), logo no dia

seguinte, Rebeca e Sandy conversam, mas evitam tocar no assunto por constrangimento ou medo. Medo esse que parece significar coisas desconhecidas ou novas, e por isso, também, o constrangimento. É nesse contexto, que segundo a literatura estudada, os homossexuais ingressam na adolescência conforme o modelo heterossexista e quando se descobrem diferentemente sentem-se ansiosos diante da incerteza de sua identidade sexual. Contudo, como podemos ver no relato a seguir, Rebeca descreve o momento da conquista, como um enamoramento que vai crescendo, mas ainda não assumido, por se tratar de uma novidade para ambas. O novo traz consigo sentimentos de euforia em oposição à desconfiança, de segurança à insegurança, de certeza ao medo. E tudo isso de uma vez só como um vulcão em erupção. Porém, foi com o passar do tempo, dando significado para seus sentimentos é que entenderam, embora sentindo-se espantadas, estarem namorando.

...Aí comecei a namorar miss Leslie (como Rebeca se refere a essa namorada), tivemos um namoro, eu tinha 21 anos, se não me engano, e ela sempre foi uns onze anos mais velha do que eu, um namoro bem interessante, tudo uma descoberta, aquela coisa de adolescente, eu peguei uma pessoa mais velha, tudo era encanto, achava que tudo aquilo era um encanto e tal, foi uma coisa bem legal, uma experiência muito boa, mas depois quando cê vai crescendo e amadurecendo, vê que tudo aquilo foi um encanto, que é coisa normal do dia-dia, né, entendeu?, aquela coisa que achava que era conto de fadas, não era. Era coisa do dia-a-dia, bacana...

Nessa outra fase de Rebeca (terminado seu namoro com Sandy), tinha voltado às noitadas e às boates de Brasília, onde encontra uma mulher mais velha, que a primeira vista, pensa estar vivendo um conto de fadas, pois o significado que ela estabelece para esse namoro é a descoberta do mundo *gay*, propriamente dito. Nesse estágio de vida, Rebeca já não sentia tanto desconforto em relação a seus sentimentos, porque o grupo que freqüentava com mais assiduidade era composto em sua maioria por homossexuais e havia, portanto, uma identificação em seus estilos. Aqui, notamos que, de acordo com Isay, acontece um fortalecimento da auto-estima em detrimento do enfraquecimento da insegurança, medo e falta de experiência. Ao falar “vivendo um conto de fadas” Rebeca faz referência a uma história com modelo heterossexista, mas emprega um sentido próprio, onde ela e Leslie vivem o encanto. E esse, tem significado de felicidade, de alegria, de

contentamento e descoberta, posto que ela está se aceitando como realmente é, e não nos moldes de uma cultura heterossexual.

...Daí tive esses namoricos que não vale a pena nem ressaltar, e depois acabou esse namoro com Leslie e tudo, namorico ah, conheci essa menina, vou ficar, ah tô precisando namorar gente, não dava conta de preguiça, da pessoa, não gostava do cheiro, não gostava de nada aí falava aaiii, aí sumia, né, coitada da menina, né, ficava ligando um bando de tempo e num achava nunca, né, porque sempre ficava enrolando, né, e aí era chato, a gente vai caindo um pouco na real, mas na época era lindo, né, dá fora no povo..., achava o máximo. É imaturidade, é muito bobo, mas é legal, por isso eu falo curti muito, o que eu vivi entre meus 17 e até meus 23 anos, não digo que não vivo hoje, boate não tenho mais tanto interesse, gosto muito de festa eletrônica, adoro uma música boa, adoro sentar à mesa com os amigos, tomar um engradado, o que for, aquela coisa divertida, aquela noite boa, ir pra casa e dormir tranqüila... ter meu tempo com a minha namorada, ter meu tempo sozinha mesmo, isso é bem bacana. Antigamente eu queria ficar naquela roda-viva, né, o tempo todo, 24 horas no ar.

Nesse trecho, Rebeca ao narrar suas experiências antigas, fala de sua imaturidade (próprias da idade) em contrapartida com o que fez sentido para ela quando vivia namorando e acabando, sem motivos aparentes, demonstrando talvez uma relação de poder e sem o medo de rejeição outrora vivenciado. Esse tipo de acontecimento ocorre na adolescência com certa freqüência em decorrência de uma auto-afirmação e, por isso, vista depois como imaturidade e, em termos paradoxais como bobo e legal; o bobo olhado agora por ela criticamente e com alguma distância, e o legal por estar impregnado de boas recordações. Somado a tudo isso, Rebeca externa outro sentido subjetivo sobre a qualidade de vida, pois aprecia a boa música, diverte-se com seus amigos, a sua tranqüilidade e sua casa, assim como também, dedica-se à namorada e a si mesma.

- 15. Queria saber: Um pouco mais.
- 23. Estou melhor quando: Estou bem comigo e me conhecendo.
- 27. Prefiro: Mulher a homem.
- 36. Quando estou sozinha: Fico pensando, pensando, pensando.

Nesses segmentos notamos, que realmente, a frase 27 tem um caráter de identidade, pois confirma sua posição assumida em relação a seus namoros e

preferências. As demais frases têm sentido subjetivo de reflexão quanto às suas experiências, porque ela quer saber mais, pensa e se conhece melhor à medida que reflete sobre o que viveu e o que vive.

Após esse segmento, a pesquisadora pergunta à Rebeca como a família, de modo geral, reagiu quando souberam de sua homossexualidade e ela fala:

...Isto chegou numa época, dos amigos eu não tive este problema, na verdade não, dos meus amigos, isto chegou na família, do Fred e Arnold, uma presepada lá deles, entendeu e aí eu cheguei e falei (para o Fred): ó sempre foi meu amigo, sempre brincamos, você já fez coisas que também são, se fossemos ver em termos de regras, que são ilegais, e isso não é ilegal é ilegal? ... tirei satisfação e neguinho falou: ah não fui eu que falei e nem nada. Aí eu falei: ó as pessoas tão aí pra ver como as coisas são e tudo. E daí ficou numa boa... O Arnold é muito machista, muito cabreiro, tudo, mas não chegou a falar nada, nem de insultar, nem de... sabia que ele tinha feito esses comentários com o Fred, os dois juntos, né, os dois eram bem próximos né, lá por causa da loja também, e aí falei assim, pô, sacanagem, que bobagem por causa disso e tudo, falei pô fiquei meio chateada por causa da situação, né, chateada, mas... conversei e tudo, falei...E sempre rolou essa repercussão e aí vai rolando aquela bola de neve, uns fingem que sabe uns fingem que não sabe, uns sublimam, outros...Mas eu, assim nunca senti muita angústia, muita coisa relacionada a isso não, nunca fiquei muito pirada não, de parar pra pensar e ficar doida, ah meu deus, nunca.

Ao falar da família, no geral, Rebeca usa de uma cronologia temporal, porque os primeiros a manifestarem algum tipo de discriminação e homofobia foram, Fred e Arnold. O que percebemos, nesse trecho, é que ela como parecia estar em uma fase de auto-aceitação bem resolvida e como sempre foi de enfrentamos abertos, resolve discutir francamente, *tête-à-tête*, convertendo-se em um indicador de sentido subjetivo de ser homossexual, sem negar-se e sem fixar no sofrimento. Mas entendemos que de uma forma ou outra vivenciou sentimentos de incômodo e de tristeza por se ver alvo de falatórios. Em outro trecho ela relata outra experiência, e a pesquisadora pergunta se incomodava e que sentimentos despertava nela:

...ah um que xaropava pra caramba no início, o tio Xarope, xaropava cara, o maior xarope total, fazia umas brincadeiras eu falava uoi..., gente nada a ver, coitado, que bicho besta gente, falava xarope total... falava umas coisas meio que querendo descobrir, mas tinha como chegar... não sabia como chegar, bobo, né, em vez de perguntar, em vez de falar pô tal coisa tô sacando, se fosse

inteligente, ia saber, né, porque basta conversar comigo dois minutos que sabe, enfim, isso aí foi chato, né, chatinho... Por causa das indiretas, eram indiretas não? Indiretas/diretas, né, ah... não tem como lembrar tal coisa, tipo umas brincadeiras bobas. Isso me incomodou, hã hã, era chato mesmo. Que tio xarope, bobo, né. Rolou um negócio hoje, aí eu pensava nossa que ridículo! Ninguém merece, né, gente, porque não fala de outra maneira. Tem essa maneira, mas esse negócio de ficar... ai meu deus, remoendo, bricht, não. Não ficava remoendo nem morta.

Observamos nesse outro corte de sua narrativa, uma posição diferente, talvez porque Fred e Arnold fossem mais ou menos de sua idade e isso criara uma liberdade maior para que ela fosse até eles e falasse de igual pra igual. Mas com seu tio Xarope, apesar de estar aberta para enfrentamentos, Rebeca parecia não ter a mesma liberdade. Entretanto, o que importa para nós são suas emoções e, essas se tornaram claras quando nas brincadeiras ela se sentia constrangida, chateada e incomodada por terem um cunho de homofobia explícita. O impacto de desrespeito para com ela, trouxe-lhe uma posição de reflexão e crítica a respeito do que estava vivenciando frente aos preconceitos dominantes. Porém, ela não se deixou abater, mostrando mais uma vez a capacidade que trazia dentro de si, e diante da homofobia, não se subordina, valorizando sua identidade que a mantém ativa em relação à sua homossexualidade. A baixo ela fala dos pais:

...Meu pai, ô iche... lighth total, a minha mãe acho que ela sabia e fingia que não sabia... mas não sabia como lidava, e aí hoje em dia tá tranqüilo, tá bem lighth... no início acho que ela nem oprimiu nem nada, de forma nenhuma, mas acho que ela ficou meio perdida assim e tal, como o meu pai assim não sei também porque eles conversavam e ela é que tomava mais a frente né, a gente não sabe né, das coisas como é que são e aí ela... Ela é quem se posicionava diante de mim, posicionava, mas nunca tive uma cobrança entendeu, assim, aí Rebeca tal coisa, aí você não aparece com namorado, sem ninguém, assim nunca falou, nunca falou mesmo, mas aí a gente vai perceber né, ah essa menina sem namorado, sempre (risos), sempre rodeada de meninas, a mulherada que liga daqui e liga dali e tal, as pessoas vão ligando uma coisa na outra, e depois acho que as pessoas... que eu era muito...o que acho que atrapalhou porque eu era muito incoseqüente, saía, me perdia, ficava na rua o dia inteiro. Hoje em dia posso até ficar, mas é uma coisa mais focada, mais centrada. Tinha aquele negócio de ir pra faculdade também nunca estudava direito, e aí o problema de ficar sumindo aí durante a noite, saía à meia-noite ainda muito nova, chegava as seis da manhã, sete

da manhã, preocupa né? Toda uma questão né? Não é só uma abordagem, né?

Nesse segmento notamos um forte sentido subjetivo em relação à família, que após o primeiro impacto de não saber lidar com o novo, mostra-se fonte de apoio, afeto, confiança, respeito, compreensão e aceitação. Aqui podemos observar uma forte configuração subjetiva de sua personalidade alimentada pela qualidade de seus afetos familiares. Somado a esse, vemos um foco de sentido subjetivo nos moldes patriarcais que denota a responsabilidade da mãe que fala por ela (mãe) e pelo pai. No modelo patriarcal, o pai briga, refuta, impõe e decide, mas quem deve se posicionar frente ao filho é a mãe. Contudo, essa mãe não cobra, não oprime nem discrimina. Ela se preocupa com a vida desregrada que a filha está levando. O sentido que Rebeca dá à família é de coisa mais importante de sua vida porque se apóia nela para a conservação de sua identidade apesar dos preconceitos, homofobias e pressões do meio. Nesses trechos em que fala da família podemos associá-las também com as seguintes frases:

01. Minha mãe é: Minha vida.
02. Meu pai é: Muito importante.
03. Meus irmãos são: Meus amigos, meus amores.
04. Meu sobrinho é: Minha vida.
05. Meus avós: Maravilhosos.
06. Minha família para mim: É tudo, importantíssima.
08. Meu lugar: Meu sossego, meu quarto.
37. O lar é: Maravilhoso, harmônico.

Essas frases estão, notadamente, recheadas de muita emoção, até para designar seus afetos Rebeca os exprime com o pronome possessivo “minha ou meu” atribuindo maior valor às palavras. E notamos que não há qualquer contradição, tanto na conversa como no completamento de frases, no que tange à família, pois as palavras que usa são sempre adjetivos e quando não, são superlativos.

No segmento abaixo Rebeca expressa sobre seu último relacionamento que teve com Mel, que fora casada por duas vezes e com dois filhos do primeiro casamento (um de 15 e outra de 11 anos):

...fui sair com ela, saí começamos a ficar, namoramos um mês, acabou porque ela ficou enlouquecida, né com essa coisa, ah

meu deus sou gay, ai num sei o quê, e eu sem paciência né, e aí cessamos o namoro, depois voltamos e começamos a namorar, e aí quebramos algumas vezes pelos problemas da vida, os vai-e-vens...Então, ela era uma pessoa que se considerava hetero por um bom tempo, foi casada duas vezes, teve dois filhos, e teve uma vez que uma tia perguntou a ela se ela era gay e ela respondeu que não, que ela gostava da Rebeca, mas depois em outra ocasião a tia fez a mesma pergunta e ela respondeu que sim, era homossexual, mas não tinha percebido que era.

Nesse trecho a pesquisadora intervém e pergunta: Hoje vocês estão namorando e gostaria que você falasse um pouco do relacionamento de vocês, como as crianças participaram de suas vidas, como que elas perceberam o relacionamento, por que temos o exemplo da Cássia Eller, que foi uma revelação nacional e muita gente ainda nutre um preconceito em relação a isso, e por isso gostaria que você falasse um pouco disso pra mim.

...Pois, então, os meninos a princípio não sabiam, pra gente preservar as crianças, pra saber também se vai dar certo, num vai dar certo, como é que é, vamos pisando em ovos aos pouquinhos, né... eles me respeitam muito, entendeu, assim oriento bastante, brinco muito e tudo, sou muito brincalhona, nossa!... então eu participo muito, brinco muito, levo no cinema, levo pro hot zone, brinco bastante, eu sempre brinquei muito, éhhh a gente vai pro clube, divertimos lá, eles já foram em três viagens com a gente... Eles nunca fizeram algum comentário a respeito disso, chegar e botar em parede e tudo, nem nada, inclusive eles ficavam pedindo: ah tia Rebeca sumiu, quando terminávamos, eles ficavam chateados, choravam, tudo, mas nunca chegaram e falaram assim, dando opinião, pitacos né, que eu digo assim pra falar eu não gosto disso, eu não gosto daquilo, não gosto... vão optar, pôxa, no dia-a-dia, falou assim, oh eu não gostei que você brigou com isso, assuntos próprios, né, mas desse enredo, nunca mesmo né...

Aqui acontece outra interrupção para falar de seu relacionamento que havia acabado uma vez e depois definitivamente:

...não conseguia porque eu tinha acabado o relacionamento, é... chutei o pau da barraca mesmo, e acabei mesmo. Que que aconteceu... quando retornei com outra proposta de relacionamento como esta mesma pessoa queria, voltar, sentamos, conversamos, e começamos traçar um perfil bacana, tranquilo, outra relação... e aí depois que a mãe dela faleceu, acho que os resgates também dos valores de repente que ela tem, que a mãe de repente nunca

aceitou a gente, né, nunca aceitou... Tava realmente desgastado, de repente foi bom,... por que insistir numa coisa que não tava dando certo?

É importante frisar que ao iniciarmos nossas conversas, Rebeca namorava Mel há quatro anos e dois meses e em sua última sessão havia terminado o namoro. O que observamos no primeiro trecho que Rebeca fala do início do namoro é o sentido subjetivo de Mel ao duvidar de sua sexualidade, se heterossexual ou homossexual, afinal fora casada e tinha dois filhos. Contudo, após algum tempo ela dá outro sentido com culpa a essa transição e, assume-se homossexual. Perguntada no segundo segmento sobre os filhos de Mel, o que vemos é um outro tipo de sentido subjetivo de Rebeca, com fortes configurações de respeito, orientação, compreensão e afetividade. E por parte das crianças, além da afetividade que nutrem por Rebeca, havia um sentido subjetivo de muita carência familiar, onde ela tenta suprir apoiando e transmitindo segurança. Porém, com o advento da doença da mãe de Mel o namoro fora rompido e reatado cujas configurações estavam alicerçadas em um novo e diferente relacionamento. Algum tempo depois, Mel então não suporta o sentido subjetivo da homofobia social (familiar), atrelada à morte de sua mãe, e a internalizada em si mesma. O namoro sucumbe.

Após esse relato, a pesquisadora pergunta à pesquisada se ela teve muitos momentos de angústia em assumir-se homossexual, e ela responde:

...É, posso falar da angústia da Rebeca, alguém passou por isso, mas não na questão gay, não tenho não, assunto do dia-a-dia, Rebeca passou por tal coisa, aquilo me deixou angustiada pô, fiquei angustiada mesmo, putz, eu vendo as coisas acontecerem e eu sem poder fazer nada, não podendo alertar, não podendo fazer nada, e tendo que ficar calada e engolir seco, e aí sim, isso aí é coisa verdadeira, angústia mesmo, né, e daí vamos abordando esse assunto também, né, interessante, agora em termos da questão gay, assim, tranquilo, demais...

Nesse núcleo de sentido subjetivo podemos perceber que a questão gay, como ela própria coloca, não tem uma configuração negativa nem sofrida, mas como pessoa singular que é e como mulher, Rebeca sente-se angustiada clamando por justiça quando vê coisas acontecerem e não pode fazer nada. Ela se autodefine com apenas uma frase (42): Eu: Um ser muito legal, inconstante, ansioso, bravo.

Aqui vemos claramente um sentido subjetivo de lealdade, como já havia demonstrado, anteriormente, uma conotação de impulsividade ao se definir inconstante e ansiosa e, um outro sentido de justiça, quando vendo as coisas acontecerem não pode fazer nada.

De acordo com a literatura estudada, fala-se que antigos relacionamentos participam de novos, sem problemas, o que você pode falar sobre isso:

...É isso comum... Isso mesmo, são todas amigas fiéis, até a Jane relatou isso hoje: não Rebeca eu quero ficar agora andando com meus amigos, você, a Sandy, e tal num sei o quê, aí tá andando eu, Jane, Sandy, Ly, Cathy, Mary, Margot, e essa minha amiga Stéfane. Sempre tá junto de mim, sempre, nesses momentos difíceis, noutro momento que eu e a Mel tava acabada, tava junto dando a maior força...

Nesse segmento, podemos constatar o sentido subjetivo de relações de amizade duradouras que a literatura nos elucida quando verificamos que as amizades antigas, mesmo tendo a amiga como antiga namorada continuam fazendo parte de suas relações e dando suporte quando preciso, isso acontece porque a rede social homossexual é restrita. Vejamos a sua frase (7): Meus amigos: Hoje, alguns leais. Observamos que as palavras utilizadas, além de sintéticas são firmes, e têm sentido de amizade verdadeira, onde a lealdade é acima de tudo o pilar de sustentação para resistir ao tempo. Em termos profissionais ela coloca:

...eu sempre trabalhei, sempre tive seriedade com meu trabalho também, só pra dar uma organizada, sempre tive muita seriedade, sempre gostei de curtir a noite, mas nunca me atrapalhou em nada no meu trabalho... To adorando, to adorando, adorando, adorando, reconhecimento bom.

Ao falar do trabalho notamos que o sentido que Rebeca imprime é o de responsabilidade e satisfação, mesmo quando ela saía para se distrair não deixava nada pendente nem faltava a seus compromissos, desta feita mantinha seus projetos e desfrutava a vida, e é isso que vemos também em suas frases ao expressar-se sobre o trabalho:

12. O trabalho significa: Dignidade, algo extremamente importante, tudo.
26. Minha principal ambição é: Minha profissão, sucesso, realizações.
32. Considero que posso: Fazer.

Em todas essas frases observamos um compromisso profissional muito forte, carregado de responsabilidade e comprometimento, pois apesar de Rebeca, em nossas conversas, ter dito que não levava os estudos a sério, o que vemos depois é uma mulher mais madura com vontade de crescer, também como profissional, pleiteando até uma pós-graduação. E é interessante notar que ao mesmo tempo ela se expressa, nesse mesmo contexto com a frase 32, que pode fazer, ou seja, pode realizar todas suas aspirações.

Por fim, a pesquisadora pergunta sobre a felicidade e ela diz:

...a gente não pode projetar a nossa felicidade no outro, mas na gente, a felicidade está na gente.

De acordo com todos os depoimentos de Rebeca, não tínhamos como terminar nossa conversa indagando sobre a felicidade, pois parece óbvio que ela seja uma mulher feliz, por ter uma rede social de amizade e familiar que têm dado todo o suporte de apoio e segurança. Ao ouvirmos sua resposta percebemos o sentido subjetivo de felicidade intrínseca em si mesma, denotando ser uma pessoa que apesar dos obstáculos preza ser feliz. Frases finais:

13. Minhas aspirações são: Tranquilidade, sucesso, uma vida proveitosa e com qualidade.
29. Reflito sobre: Meu comportamento e dos outros, ultimamente.
33. Com frequência sinto: Alegria, alto astral.
39. A felicidade: Está dentro de nós.
41. Desejo: Viver melhor e com qualidade.

Nessas quatro últimas frases Rebeca resume toda sua personalidade exultante em assumir-se homossexual contando com o apoio de sua família e procurando ter uma vida sempre melhor. Mostra como um forte indicador desse núcleo de sentido subjetivo emocional que está em uma fase reflexiva e de amadurecimento, destacada na frase 29, porque, além de ter uma posição

crítica em relação aos outros tem para consigo mesma. O outro sentido subjetivo, o mais importante no nosso entender, pois nos remete à afetividade, e que não poderia ser diferente de nossas conversas, versa sobre a felicidade, alegria, alto astral, isto é, sobre a emocionalidade como um todo.

CONCLUSÃO

Como procuramos demonstrar, nesse estudo de caso, a emocionalidade permeia todo relato conversado com Rebeca, manifestado em sua rede social de amizade e familiar no desenvolvimento de sua sexualidade. Observamos que ela parece um turbilhão de emoções, mas que se controla ferozmente no intuito de não se deixar fragilizar.

A constatação feita por ela, descreve uma infância feliz, como de qualquer criança que aproveita essa fase para se deliciar da inocência e dos dias tranquilos que não pedem nenhuma responsabilidade. A adolescência marcada por inquietações, ambivalência, vacilação e contradição próprias da idade, mudanças no corpo e na cabeça, pela hiperatividade dos hormônios e a volúpia do dia-a-dia, tudo isso caracteriza a fase vivenciada por Rebeca. Ela é vívida e cheia de alegria com emoções complexas e abrangentes. Constatamos que ela é uma mulher como qualquer outra, sem estereótipos nem estigmas, e suas experiências sexuais satisfatórias favoreceram para a consolidação de sua identidade homossexual.

A tríade da tirania também apareceu em seu relato, mas não de forma intensa. A homofobia social e a internalizada, apesar de terem se sobressaído foram tênues, devido o enfrentamento que Rebeca sempre teve e tem perante as adversidades e obstáculos surgidos em sua caminhada. O machismo e o patriarcalismo tiveram uma aparição obscura e pequena sob a égide de um modelo heterossexista não submetidos à ordem dessa mulher. Somado a isso, vimos que pouco foi o tempo em que Rebeca sofreu da síndrome da solidão e isolamento, pois cedo conquistou seu espaço para não ter que se sujeitar a rejeições de amigos ou familiares, mostrando uma visibilidade ímpar.

Entretanto, tudo o que foi citado acima não teria significado se não fosse sua família que sempre lhe dera apoio, compreensão, afeto, respeito, segurança e confiança. Aos pais cabe uma parcela importantíssima ao entender que quando se coloca um filho no mundo, este filho é um prolongamento desse pai e dessa mãe. Sentir culpa ou vergonha por ter um filho homossexual leva ao raciocínio de que existe uma culpa anterior: ter vergonha e culpa deles mesmos, o pai e a mãe existirem. O que presenciamos nas conversas com Rebeca sobre a descoberta de seus pais ao saber de sua homossexualidade foi, a princípio um desencontro (no

nosso entender), pois nem mesmo ela ainda tinha se assumido; e o que vimos depois foi carinho, amor e aceitação. Amor esse que deve ser *incondicional*, independente dele estar enquadrado nos padrões sócio-culturais: alto, gordo, negro, branco, feio, bonito, homossexual ou heterossexual. Amor incondicional significa amar os filhos, independente do que eles são, sem impor nenhuma condição. Amar os filhos significa algo muito concreto; educá-los, orientá-los para a vida e aceitá-los tal como são. Finalmente, amor paterno e materno que foram oferecidos à Rebeca como um sentido de cuidado de sua saúde física e emocional.

Quanto aos seus relacionamentos, destacamos o último por percebermos semelhanças com o citado por Marvin e Miller, na fundamentação teórica. Porém, o que vimos foi uma homofobia social e internalizada muito forte por parte de Mel, que acabou por sucumbir-se diante de pressões e modelos heterossexistas.

Fato interessante que merece realce por se tratar de uma peculiaridade é o tratamento entre os homossexuais de Brasília, tanto homens quanto mulheres, que se designam *gays*, pois conforme citado na discussão de resultados referir-se ao outro como lésbica ou sapatão é xingamento.

Merece destaque também, que tanto em nossas conversas como no completamento de frases, Rebeca não se mostrou dúbia, prevalecendo assim, uma coerência em todos os seus relatos.

Neste meu estudo de caso volto à origem com um trecho de Foucault, que nos fala dos gregos na sua forma de viver o desejo: "... De fato, a noção de homossexualidade é bem adequada para recobrir uma experiência, formas de valorização e um sistema de recortes tão diferentes do nosso. Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto". (História da Sexualidade, vol. II, 2003, p. 167). Termino, portanto, voltando às origens, à homossexualidade, o que na verdade, na soma de todo caminho percorrido, prevê a possibilidade e riqueza da vivência tanto do mundo masculino quanto do feminino.

BIBLIOGRAFIA

- CAVALCANTI, Alessandra. Caderno Mulher. *O LIBERAL*, Pará, 31 mar. 2003.
- CHAUÍ, Marilena S. *Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CODATO, Henrique. *A representação dos gays nos filmes e seriados*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília: UNB, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. 16. ed. São Paulo: Graal, 2005. v. 1.
- _____. *História da Sexualidade: o uso dos prazeres*. 10. ed. São Paulo: Graal, 2003. v. 2.
- _____. *Um Diálogo sobre os Prazeres do Sexo*. 2. ed. São Paulo: Landy, 2005.
- González Rey, Fernando Luis. *Personalidade, Saúde e Modo de Vida*. São Paulo: Thompson, 2004.
- _____. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. 1. ed. São Paulo: Thompson, 2005.
- _____. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Thompson, 2005.
- ISAY, Richard A. *Tornar-se gay*. São Paulo: Summus, 1998.
- MARVIN, Caroline et MILLER, Dusty. *Os Casais de Lésbicas na Entrada do Século XXI*. Apud PAPP, Peggy. *CASAIS EM PERIGO: Novas Diretrizes para Terapeutas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SANDERS, Gary L. *Homens Juntos: O trabalho com Casais Gays na Atualidade*. Apud PAPP, Peggy. *CASAIS EM PERIGO: Novas Diretrizes para Terapeutas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- TORRAO FILHO, Amílcar. *Tríbadés Galantes, Fanchonos Militantes: homossexuais que fizeram história*. São Paulo: Summus, 2000.
- TURATO, Egberto R. Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa – Definição e Principais Características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*. Porto: Janeiro-Junho, 2000, nº 1, pp. 94-95, ago 2005.
- www.ggb.com.br. 2005, set 04. O GGB. ggb@ggb.org.br.

www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault. 2005, 14 ago. *Escolha sexual, ato sexual*.
Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994,
pp. 320-335 por Wanderson Flor do Nascimento.